

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

LEONARDO DE JESUS CARDOSO

FAVELA GAY: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE QUEER EM ESPAÇOS PERIFÉRICOS

Porto Alegre
2020

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Moacir e Zeloni, que sempre acreditaram e investiram no meu potencial até quando eu mesmo não o fiz.

Aos meus irmãos, Evandro e Lisandra, que sempre me lembram o fato de que essa jornada não precisa ser tão tortuosa.

A minha orientadora e mentora Dra. Cristiane Freitas Gutfreind, por contribuir com seu conhecimento e por não deixar de segurar a minha mão em nenhum momento.

Aos amigos que cederam o tempo, os ombros e os ouvidos tão pacientemente nesse processo.

A todo o corpo docente e equipe de funcionários da Escola de Comunicação Artes e Design – Famecos, que permanecem imbatíveis na tarefa de formar novas mentes brilhantes.

Por último, e definitivamente não menos importante: a todos os LGBTQIA+ que perderam a vida lutando pelo direito de existir.

*“Eles entram na sala
Olham através de você
E falam como se
Nós não existíssemos”*

Arcade Fire – We Exist

RESUMO

Entre tantos aspectos, a identidade *queer* pode ser definida como uma série de vivências compartilhadas entre sujeitos que se identificam com ao menos uma das letras da comunidade LGBTQIA+. O objetivo dessa monografia é identificar algumas dessas experiências que tecem esse espectro. Além disso, realizar-se-á uma análise fílmica de sete personagens do documentário de Rodrigo Felha, *Favela Gay* (2014), o qual traz personagens relevantes para essa busca e corrobora com a projeção desse processo de construção identitária. A presente análise é fundamentada nos conceitos de Vanoye e Goliot-Lété (2002), Nichols (2010) e Aumont e Marie (2013). Também abordará algumas questões referentes ao impacto do espaço territorial na identidade *queer*, trazendo como resultado um olhar sobre o simbolismo dessas existências em uma perspectiva coletiva, nesse aspecto, os autores Santos (1994) Perlman (2010) e Jovchelovitch (2018) servem como apoio bibliográfico.

Palavras-chave: Identidade. Queer. Favela. Documentário.

ABSTRACT

Among a series of meanings, queer identity may be defined as living experiences shared by human beings who identify themselves with at least one letter of the LGBTQIA+ community. This research aims to establish some of those experiences that shape the concept of identity as we know it. We intend to do a film analysis of seven characters of Rodrigo Felha's documentary, *Favela Gay* (2014), which brings relevant characters to discuss to and corroborates the projection of the referred identity construction process. The present analysis also approaches some questions regarding the impact of territorial space on queer identity, resulting in an prospect on the symbolism of these existences in a collective perspective.

Keywords: Identity. Queer. Favela. Documentary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A calçada do Stonewall Inn permaneceu movimentada por semanas	14
Figura 2 - Capa da edição nº 10 do Lâmpião da Esquina	19
Figura 3 - Marta Júlia.....	30
Figura 4 - Baile da Gaiola LGBTQIA+	34
Figura 5 - Pandora na "pista".....	36
Figura 6 - A vida noturna do Rio das Pedras.....	43
Figura 7 - Jovens LGBTQIA+ de Stonewall.....	44
Figura 8 - Flávio Ruivo anda pelas ruas da Cidade de Deus.....	46
Figura 9 - Em plano médio, ele conta sua história.....	46
Figura 10 - Rafaella memora as primeiras lembranças como mulher trans	51
Figura 11 - Família em foco no segundo plano	51
Figura 12 - Parada LGBTQIA+ no Complexo da Maré	52
Figura 13 - Primeira Marcha do Orgulho Gay nos Anos 70.....	53
Figura 14 - Plano fechado em Pandora.....	54
Figura 15 - Pandora não se identifica mais como travesti	55
Figura 16 - Jeckie e Dejah.....	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O MOVIMENTO LGBTQIA+	11
2.1 STONEWALL E A ORIGEM DA RESISTÊNCIA	11
2.2 UM ESBOÇO SOBRE O MOVIMENTO LGBTQIA+ NO BRASIL	16
2.3 ALGUMAS QUESTÕES DE ARMÁRIO E IDENTIDADE	20
3 DENTRO DAS FAVELAS CARIOCAS	27
3.1 ESPAÇO É UM FATOR PERTINENTE	27
3.2 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE VIVÊNCIAS LGBTQIA+ NAS COMUNIDADES	32
3.3 SOBRE ALGUNS MARCADORES DE CLASSE	35
4 FAVELA GAY, O DOCUMENTÁRIO	39
4.1 UMA SÍNTESE DA CONSTRUÇÃO DO LONGA	39
4.2 METODOLOGIA	40
4.3 DO COMEÇO	41
4.4 NA CIDADE DE DEUS	44
4.5 <i>TRANSGENERIDADE</i> NA PERIFERIA	48
4.6 A PRIMEIRA LETRA E O FIM DE UM CICLO	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
ANEXO A - PÔSTER DO FILME	64
APÊNDICE A - FICHA TÉCNICA	65

1 INTRODUÇÃO

Marsha P. Johnson uma vez disse que a história não serve para olharmos para trás e categorizá-la como inevitável. Cada parte desse pretérito só existe porque pessoas tomaram decisões que afetaram a realidade de vidas humanas reais. Marsha era uma mulher transsexual que esteve na linha de frente da luta por direitos humanos aos LGBTQIA+, e assim como tantas Dandaras¹ do Brasil, teve a vida e os sonhos encerrados pelo ódio. Correndo o risco de iniciar este trabalho em um tom um pouco visceral, é necessário ressaltar que a identidade coletiva que une esse grupo é marcada intrinsecamente por um histórico violento de opressão. Portanto, as vivências que contemplam cada célula desse guarda-chuva têm em comum o brio de viver todos os dias numa sociedade que decide não enxergar. Isso nos leva a um ponto importante, que é o quê motiva a realização desse trabalho. Do ponto de vista de alguém de dentro desta vasta comunidade, compreendo a ânsia de ter voz. Há um tempo já se debate representatividade, tanto a ponto de cair na banalidade do repertório de assuntos. Às vezes, essa banalidade ofusca o quão pujante é esse reconhecimento no outro, na tela. Por isso, é seguro adiantar que a urgência por esse encontro é uma das principais justificativas para a escolha do tema.

Diante disso, a presente monografia propõe como objetivo específico identificar os elementos que caracterizam a identidade *queer* e analisar como essa identidade é abordada no documentário *Favela Gay* (2014)², dirigido por Rodrigo Felha. O documentário trata das vivências cotidianas de dez personagens LGBTQIA+ que residem nas favelas cariocas, os quais servirão de lente para estabelecermos o que constitui esse processo de construção identitária. É importante ressaltar que não analisaremos todos os atores sociais do documentário, o foco será no tempo de tela de apenas sete destes. Acrescenta-se que a obra estudada também informa a proporção de importância dos espaços geográficos que ocupamos projetada nos moldes da nossa cidadania. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, iremos fazer

¹ Dandara Kettley foi uma travesti assassinada a tiros no Ceará em fevereiro de 2017. O crime tomou grande proporção após o vídeo do linchamento ser publicado nas mídias sociais.

² FAVELA GAY. Direção: Rodrigo Felha. 1h11 min. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=4gjjXLvhOXo&ab_channel=PortalOnixDance. Acesso em: 16 nov. 2020.

uma imersão no panorama de transformação do contexto político e o impacto desse fenômeno nas manifestações dos movimentos sociais.

É certo afirmar que o ativismo LGBTQIA+ ganha visibilidade à medida em que é pautado pelas mídias desde a Rebelião de Stonewall em 28 de junho de 1969, por isso esse será o ponto de partida. No subcapítulo 2.1 trataremos do legado deixado pelos *Stonewall Riots* e como este se repercute para o movimento nos dias de hoje. Bausum (2015) e Carter (2014), principalmente, fundamentarão o conteúdo histórico dessa parte. Tratando-se do progresso do movimento em contexto nacional, há diversos recortes relevantes para examinarmos igualmente, para isso o subcapítulo 2.2 dá conta de um resgate histórico que se aprofunda na efervescência do ativismo na época da ditadura militar e como se deram os avanços nesse campo até os dias de hoje. Green (1999) e Pereira (2011) versam, respectivamente, sobre a linha do tempo desenhada pela trajetória do movimento LGBTQIA+ no Brasil e as dinâmicas de relação entre os integrantes dos grupos. Essa etapa é importante para que observemos o cotidiano dos personagens com tais descrições de memória assimiladas, pois, como justificar-se-á ao longo do desenvolvimento, são relevantes para a jornada de construção de identidade *queer*. Os aspectos que envolvem algumas questões sobre o processo são discutidos a seguir no subcapítulo 2.3, o qual traz o conceito de Sedgwick (2007) sobre o simbolismo do armário nas vivências, e também desmembra cada letra da sigla LGBTQIA+, com a finalidade de distinguir a singularidade de cada bandeira.

Para além da agenda *queer*, o documentário que serve como objeto de análise deste trabalho proporciona também uma reflexão sobre territorialidades e em que medida elas influenciam na nossa formação, entrando de forma breve na história das periferias cariocas (subcapítulos 3.1 e 3.2). No subcapítulo que encerra essa fase, destacaremos alguns marcadores de classe que fragmentam a horizontalidade do movimento LGBTQIA+, evidenciando como a desigualdade está projetada nas demandas de cada recorte.

Já no quarto capítulo, trabalharemos em uma análise fílmica amparada pelos escritos de Nichols (2005), Jacques Aumont e Michel Marie (2013) e Vanoye e Goliot-Lété (2002). Também falaremos brevemente sobre o contexto no qual o documentário em questão foi rodado, e é esse background que antecede a apresentação da metodologia escolhida, no subcapítulo 4.2. Os sete personagens analisados darão respaldo para compreendermos a identidade *queer* vista sob a ótica das bandeiras

que representam (um homem gay, quatro personagens que se identificam como transsexual ou transgênero e duas mulheres lésbicas).

2 O MOVIMENTO LGBTQIA+

A primeira parte deste trabalho tratará da história do Movimento LGBTQIA+, partindo das manifestações históricas da Rebelião de Stonewall e, de forma breve, retomará alguns eventos pertinentes que antecederam este marco, culminando na formação de uma resistência em prol da diversidade sexual e da identidade de gênero. Para esta contextualização histórica, os autores Bausum (2015), Carter (2004) e Eskridge (1999) servirão como apoio bibliográfico no resgate das lutas travadas pela comunidade. Na sequência, os autores Green (1999), Habert (1996) e Pereira (2016) irão fundamentar a análise do contexto histórico e atual especificamente no Brasil e como a Rebelião de Stonewall exerceu influência na organização de um movimento em território nacional.

O subcapítulo que encerra esta parte tratará da subjetividade no processo de construção identitária da população LGBTQIA+, abordando pontos como representatividade, a cultura do armário e a individualidade de cada letra da sigla. Butler (1990), Silva (2006) e Beauvoir (2009) embasarão as questões que elucidam sexualidades e identidade de gênero.

2.1 STONEWALL E A ORIGEM DA RESISTÊNCIA

O documentário a ser analisado neste trabalho, *Favela Gay* (2014), explana um cenário preciso sobre a diversidade sexual e de gênero nos dias atuais, voltando o olhar do espectador para um recorte de espaço que costuma ser ignorado quando a pauta é focada em personagens LGBTQIA+. A Rebelião de Stonewall, a ser tratada nesse subcapítulo, é um fato histórico que marca o início de uma organização de resistência para os LGBTQIA+. É essencial reforçar que antes de Stonewall já haviam pessoas se mobilizando em busca de direitos humanos e da visibilidade para o movimento, mas a causa ganhou notoriedade em grande escala somente depois destas manifestações.

Bausum (2015) já discorreu sobre tais acontecimentos e como estes tornaram-se um símbolo de luta para a comunidade. Na década de 60, nos Estados Unidos, a Lei da Sodomia impedia lésbicas, gays, travestis e transsexuais de exercerem qualquer direito civil. Em determinados casos, um indivíduo que fosse acusado de manter um relacionamento afetivo com alguém do mesmo sexo poderia ser condenado a cumprir

pena em regime fechado, trabalho forçado e até sentença de morte. Exceto no estado de Illinois, onde a lei em questão fora revogada no ano de 1962, atos de repressão policial contra pessoas LGBTQIA+ contavam com respaldo jurídico. Em vista da constante perseguição, a comunidade era obrigada a procurar espaços de convivência clandestinos, dentro dos quais poderiam ter uma noite de entretenimento, demonstrando afeto entre si, sem a necessidade de se autopolicar.

O bar *Stonewall Inn* foi inaugurado no dia 18 de março de 1967, propondo um espaço de acolhimento para uma população marginalizada. Ele ficava localizado na Christopher Street, região de Greenwich Village na cidade de Nova York. Ainda que o estabelecimento fosse destinado majoritariamente à comunidade LGBTQIA+, estar dentro daquele espaço de aceitação não significava estar totalmente seguro da violência policial, visto que era comum alguns agentes tentarem entrar nesses tipos de bares infiltrados. Conforme Carter (2004, p. 90, tradução nossa), “havia algumas técnicas para barrar a entrada de policiais disfarçados ou heterossexuais que não se encaixassem no público-alvo, uma delas era pedir que os clientes descrevessem o espaço interno do local como prova de que já estiveram lá antes”. Mesmo o *Stonewall* mantendo a discricção, o estabelecimento era alvo constante das operações de fiscalização policial, não só pelos frequentadores do bar como também pela falta de licença para a venda de bebidas alcoólicas. À medida em que estas incursões iam acontecendo, a administração tomava novas providências para que os danos fossem cada vez menores.

Nas ocasiões em que essas operações ocorriam, os cenários eram repetitivos. As luzes do local se acendiam com alguns minutos de antecedência para que os clientes dispusessem de tempo para escapar ou se recompor. A música parava e os agentes do Departamento de Polícia de Nova York invadiam o local. Os clientes que não conseguiam deixar o lugar eram alinhados na parede, os que não portassem documentos consigo eram encaminhados ao Departamento. As principais vítimas eram a parcela de *drag queens*, travestis e transsexuais que compunham a clientela. Carter (2004) denota um padrão na abordagem policial neste segmento da população LGBTQIA+. As travestis e transsexuais detidas eram examinadas individualmente, as que houvessem passado pela cirurgia de redesignação sexual poderiam ser liberadas, as que não tiveram acesso ao procedimento cirúrgico eram consideradas como “homens travestidos de mulher” e permaneciam detidas.

A legislação transfóbica que embasava os ataques era defasada. Para a população T da sigla, a lei aplicada era a “Lei do Disfarce”. Eskridge (1999) enfatiza que no século XIX somente dois estados dos Estados Unidos contavam com projetos de lei para regulamentar o *cross-dressing*, mas em Nova York, desde o ano de 1845, o ato de frequentar espaços públicos “disfarçado”, em outras palavras, vestido com roupas do sexo oposto, foi considerado crime. É válido lembrar que, logicamente, esse modo de opressão não acompanha a humanidade desde sempre. Há relatos históricos de como a homossexualidade era naturalizada na Grécia e Roma antigas. A ideia de sexualidade e repressão da homoafetividade só se espalha após a consolidação do cristianismo, o qual lê essas práticas como pecaminosas. Conforme a religião adquiria poder, instaurava decretos que previam punição de morte para pessoas homossexuais e perpetuava ideais homofóbicos que ecoam até os tempos modernos (MOREIRA; HALLAL, 2017).

O ataque policial que mudou o rumo da história do Movimento LGBTQIA+ ocorreu no dia 28 de junho de 1969. Agentes do Departamento de Polícia de Nova York se mobilizaram para fechar o *Stonewall Inn* na madrugada desta data. Os policiais seguiram o mesmo protocolo violento de operação, arrombando o local e revistando os clientes sob ameaças, mas naquela data a comunidade LGBTQIA+ que frequentava o bar decidiu resistir à truculência. No decorrer da operação, os clientes começaram a questionar os agentes sobre o real motivo do ataque. Simultaneamente, alguns guardas começaram a cercar a porta do local, mantendo os clientes e funcionários do bar como reféns. Do lado de fora do bar, a multidão cresceu rapidamente em vista da movimentação no estabelecimento. Diante de um motim eminente, a tensão aumentou quando a multidão do lado de fora percebeu que *drag queens* estavam sendo detidas e violentadas fisicamente, fato que veio a ser um dos pontos de partida da Rebelião (BAUSUM, 2015).

De acordo com Carter (2004), quando a aglomeração do lado de fora do bar compreendeu que a operação policial ainda estava ocorrendo dentro do estabelecimento, começaram a vandalizar o local para forçar a saída dos agentes. Uma parte considerável da multidão era composta por jovens LGBTQIA+ em situação de rua, os quais foram figuras cruciais no revide contra a força policial. Parquímetros arrancados das calçadas foram utilizados para romper a porta e as janelas do bar. Em determinado momento do levante, coquetéis molotóv foram arremessados para dentro do *Stonewall Inn*, reforçando para os agentes a proporção que o evento estava

tomando. Eventualmente, os policiais conseguiram deixar o local e o fogo foi contido. A aglomeração se dispersou pouco a pouco até o fim da madrugada, mas já havia uma organização para que as manifestações não parassem. Militantes feministas, do movimento antiguerra e do movimento negro se juntaram a causa dos LGBTQIA+ e durante os dois dias seguintes a calçada do lado de fora do *Stonewall Inn* foi ocupada por estas protestantes. A multidão segurava cartazes com os dizeres “Power to Gay People” (“Poder aos Gays” em tradução livre).

Figura 1 - A calçada do Stonewall Inn permaneceu movimentada por semanas



Fonte: Larry Morris/The New York Times (1969)

Bausum (2015) descreve o ativista Craig Rodwell como um dos nomes principais na luta pelos direitos civis dos homossexuais. Rodwell mobilizou outros grupos de ativismo que se estendem dentro das universidades americanas, para que a primeira Parada do Orgulho Gay se concretizasse. Uma organização chamada de Gay Liberation Front também atuou de forma eficiente na busca pelos direitos civis e pela visibilidade da causa, posteriormente ocupando também espaços políticos nesse processo. A ativista Marsha P. Johnson foi uma das mulheres trans a liderar esse movimento, abrindo alas para que a comunidade pudesse resistir e vociferar o direito de permanecer. Essas transformações permitiriam que Harvey Milk fosse o primeiro ativista assumidamente homossexual a ocupar um cargo público no estado da Califórnia anos mais tarde. No dia 28 de Junho de 1970 – data reconhecida

historicamente como Dia do Orgulho LGBTQIA+ - um ano depois dos acontecimentos da Christopher Street, LGBTQIA+, simpatizantes e outras organizações de luta por grupos de minorias sociais marcharam nas ruas da cidade de Nova York reivindicando igualdade e o direito de viver uma vida digna na qual não houvesse discriminação pela orientação sexual ou identidade de gênero, e pouco a pouco o apelo dessa população foi alcançando uma escala mundial. A Parada Gay passou a se tornar tradição em outros países e a sigla que une todos os recortes discriminados em contexto social foi se adaptando para acolher e representar a diversidade.

É indiscutível que demandas como essa sejam levantadas por ativistas até os dias de hoje. Posto que um indivíduo LGBTQIA+ decida viver em sociedade com a identidade de gênero e/ou sexualidade explícitos – ato conhecido como “sair do armário” na cultura gay – este fator pode ser determinante até para sua sobrevivência. De forma mais abrangente, pode-se entender a cultura do armário como uma barreira que extrapola a bolha da comunidade LGBTQIA+. Sedgwick (1990, p. 22) categoriza o armário como uma condição elementar na sociabilização:

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora.

Como enfatizado anteriormente, a Rebelião de Stonewall foi concludente na modificação desse cenário. A simbologia do armário nas vivências LGBTQIA+ será tratada com mais profundidade nos subcapítulos consequentes, mas em suma, é preciso enfatizar que a força coletiva nascida nos eventos de junho de 1969 perpetuou a ideia de resistência e a possibilidade de uma vida fora da clandestinidade para a comunidade gay. Ao longo dos anos, as pautas de luta da comunidade conquistaram espaço dentro da sociedade civil e da esfera política, evoluindo até chegar a conjuntura que se conhece hoje. Tratando do documentário que é objeto deste trabalho, as personagens LGBTQIA+ de *Favela Gay*, mesmo dentro de suas respectivas limitações, possuem uma base segura para poder expressar a sexualidade e identidade de gênero. Se esta base existe, é em virtude de uma evolução político-social que teve como ponto de partida, essencialmente, a recusa dos “*Stonewall Riots*” (Rebeldes de Stonewall, em tradução livre) em se conformar com uma vida dentro do armário.

Como mencionado, Stonewall servirá de referência para um movimento LGBTQIA+ que começa a tomar forma no Brasil, cujo cenário é composto por um regime de repressão e um histórico de conservadorismo institucionalizado. É esse o recorte que norteia o próximo subcapítulo.

2.2 UM ESBOÇO SOBRE O MOVIMENTO LGBTQIA+ NO BRASIL

Do ponto de vista constitucional, é possível afirmar que o Brasil, já no início de sua era republicana, não contava com leis declaradamente antigays. Green (1999) sustenta que a homossexualidade, nesse período, não era tratada de forma direta dentro da legislação, era mais comum que casos entre homens adultos e jovens menores de idade fossem encaixados no Artigo 266³, tratando-se de atentado ao pudor contra outra pessoa e ferimento dos códigos morais. Quando o caso em questão fosse entre dois homens homossexuais maiores de idade, a “infração” era lida como um ato consensual e processada como atentado público ao pudor (se os indivíduos fossem apanhados em espaço público, como era mais comum). No século XX, a repressão contra os LGBTQIA+ acontecia mesmo sem fundamento legal. Pessoas que não se enquadrassem no padrão heteronormativo⁴, o qual ainda é presente nos dias atuais, eram abordadas e violentadas por serem consideradas imorais. Para compreender a vivência de um indivíduo LGBTQIA+, é necessário ter em mente como este indivíduo é visto do ponto de vista jurídico. O amparo, ou a falta dele, é um dos fatores que contribuem para a formação de uma identidade.

Por certo, a vida clandestina para os LGBTQIA+ nunca foi uma opção, mas em comparação com a fase da Rebelião de Stonewall, nos Estados Unidos, as restrições eram potencialmente maiores para os brasileiros, visto que a Ditadura Militar estava em curso nesta mesma época. Organizações LGBTQIA+ estavam dentro dos grupos de oposição ao regime, e após a promulgação do AI-5, em 1968, as formas de articulação para uma resistência tornaram-se cada vez mais inatingíveis, já que esse tipo de ação era considerado subversivo e estava sujeito a censura em vigor e punições por tortura. Esta é uma das razões para que a evolução de um movimento

³ Artigo 266 do Código Penal da República, refere-se a “atentar contra o pudor de pessoa de um, ou de outro sexo, por meio de violência ou ameaças, com o fim de saciar paixões lascivas ou por depravação moral”.

⁴ Conjunto de normas baseadas em estigmas sexistas.

de luta por direitos civis aos LGBTQIA+ tenha se dado de forma mais demorada do que em paridade com a efervescência da militância americana após Stonewall. Saliente-se ainda que o contexto sociocultural brasileiro é permeado por uma onda conservadora institucionalizada. Sendo o Brasil um país predominantemente cristão, pode-se dizer que as entidades religiosas só não interviram de forma mais incisiva porque a ciência já abordava a sexualidade com uma ótica pejorativa que deriva dos códigos morais religiosos (GREEN, 1999).

As publicações impressas alternativas eram uns dos meios comuns de identificação e referência para homens gays, principalmente. Habert (1996) define o jornalismo independente desta época como um dos principais instrumentos de resistência contra a ditadura, tendo em vista o caráter político evidente nas informações veiculadas. Entre 1963 e 1969, o projeto editorial “Snob” circulou exclusivamente na cidade do Rio de Janeiro. Tratava-se de uma revista distribuída de forma independente com conteúdo informativo e de entretenimento totalmente voltado para o público gay (GREEN, 1999). Outra publicação pertinente, principalmente em um período no qual as liberdades foram refreadas, foi o “Lampião da Esquina”, considerado um marco da imprensa LGBTQIA+, distribuído entre 1978 e 1981 e projetado por ativistas como Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas, entre outros. A iniciativa nasceu da necessidade de uma quebra no estigma que existia sob a imagem dos homossexuais. Com isto, o Lampião também se propunha a evidenciar a violência que esta comunidade marginalizada sofria, deixando um pouco de lado o cunho homoerótico que obras desta natureza costumavam ter. Estas denúncias também se davam por narrativas em forma de matérias, reportagens, crônicas, etc. Formatos jornalísticos também presentes em periódicos de mídias tradicionais.

Ainda que este fazer jornalístico desempenhasse um papel substancial na articulação da comunidade gay, os espaços de identificação não se resumiam em publicações da imprensa alternativa. O Brasil também contava com espaços físicos clandestinos para a socialização dos LGBTQs, tal como o *Stonewall Inn* em Nova York. Segundo Green (1999), a tolerância para com o público gay era razoável, pontos de encontro comuns como bares, saunas e discotecas não sofriam tantas batidas policiais como ocorria nos Estados Unidos, exceto entre os anos de 1969 e 1972, quando as consequências do AI-5 culminaram em restrições violentas para essas

dinâmicas de sociabilidade. Travestis, transsexuais, mulheres e homens cis gêneros⁵ que se encaixassem no estereótipo de homossexual eram perseguidos, frequentemente abordados nas ruas para terem os documentos de identidade verificados. Ainda no início dos anos 70, propagação de uma ideia de contracultura e questionamento acerca de princípios políticos abriu margem para discussões de papéis de gênero e sexualidade, figuras públicas do Movimento Tropicalista⁶ encorajavam esses debates e alimentaram manifestos que iam de encontro ao regime autoritário.

Em 1978, a partir das articulações de ativismo promovidas pelo Lampião da Esquina, foi fundado o Grupo de Afirmação Homossexual - Grupo Somos. A organização tinha como princípio transmitir informação, lutar por direitos civis e conquistar visibilidade para a comunidade homossexual. A epidemia de Aids do início da década de 80 também foi um trágico acontecimento que reforçou a necessidade de debate e desmistificação da comunidade, a qual, na época, foi rotulada como vetor da doença.

Ainda que o grupo só tenha permanecido em atividade por três anos, seu trabalho foi importante no avanço do diálogo e no processo de naturalização da figura LGBTQIA+ em sociedade. Esse avanço também ganha notoriedade em âmbito acadêmico. Como consequência dessa formação, no centro da cidade de São Paulo, no ano de 1980, acontece uma das primeiras passeatas em prol das demandas da comunidade, com manifestações pelo fim da violação de direitos humanos direcionado a este segmento social e o repúdio a cultura do machismo. Assim como nos protestos de Stonewall, tratados anteriormente, ocorre a junção de outros movimentos de minoria, como o dos proletários, das lésbicas, dos negros e das travestis.

⁵ Pessoas que se identificam com o gênero designado no nascimento.

⁶ Movimento artístico e revolucionário que se popularizou no Brasil entre 1967 e 1968.

Figura 2 - Capa da edição nº 10 do Lâmpião da Esquina



Fonte: Fundação Perseu Abramo (1970)

Por mais que esta passeata seja uma das pioneiras, a primeira grande Parada Gay (a sigla LGBTQIA+ ainda não era reconhecida), só aconteceu no ano de 1997, na Avenida Paulista. Trindade (2011) recorda que o Jornal Folha de S. Paulo publicou um artigo sobre a temática e lembrou o dia 28 de junho como dia do Orgulho Gay. A abertura deste espaço no jornal serviu de estímulo para que no dia 28 de junho de 1997 a primeira edição da Parada acontecesse, reunindo mais de 3 mil pessoas na Rua da Consolação em marcha até a Praça da República. O evento reuniu também a presença de personalidades do cenário artístico e político da época, todos em defesa das mesmas pautas levantadas desde Stonewall e manifestando o orgulho em fazer parte da diversidade.

Com o passar dos anos, o Brasil progrediu em diversos tópicos expostos nas manifestações e nas demandas dos movimentos de luta da sigla, progressão esta que também reflete na criação de políticas públicas que acolham minorias. Na década de 1980, registra-se a conquista da retirada da homossexualidade enquanto transtorno do Código de Saúde do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social, e mais tarde da lista de patologias da Organização Mundial da Saúde. Posteriormente, em 2013, outra melhoria notável no cenário seria a autorização do Conselho Nacional

de Justiça para a união civil entre pessoas do mesmo sexo. A população trans também avançou na luta por direitos. No ano de 2002, o Conselho Federal de Medicina concedeu permissão para procedimentos cirúrgicos de redesignação sexual, e seis anos mais tarde esta operação também passou a estar disponível no Sistema Único de Saúde. A Organização das Nações Unidas considerou o Brasil como um dos países mais qualificados na capacitação de profissionais para investigar crimes de ódio direcionados aos LGBTQIA+. Mas é válido reforçar que em contraponto, o Brasil também é reconhecido como o país com maior índice de assassinatos de transsexuais em nível global, conforme a organização Transgender Europe (TGEU).

Pode-se sustentar que o processo de reivindicar direitos básicos para a comunidade LGBTQIA+ não é uma tarefa fácil. Conforme descreve Pereira (2016, p. 118):

A trajetória do ativismo LGBT no Brasil é permeada por mudanças e reconfigurações substanciais motivadas tanto pelas dinâmicas internas da militância quanto pelos fatores sociais externos, como as próprias reconfigurações do Estado brasileiro ou fatos e tratativas internacionais no âmbito dos direitos humanos LGBT.

Em outras palavras, ainda que seja complexo descrever todos os fatores que levaram a comunidade a se apropriar de um espaço social, compreende-se que à medida em que essas transformações se deram, tornava-se inevitável – e vital – uma resposta governamental para a reclamação desses direitos. Por conseguinte, é possível assegurar que no decorrer da história: a) o reconhecimento de organizações não governamentais e outras formas de mobilização, que desempenharam um papel de protagonismo nessa luta; b) mesmo que haja amparo através do campo de pesquisa sobre pessoas LGBTQIA+, as políticas públicas destinada a população ainda são inefetivas, pois não evoluem na mesma progressão.

Como resultado da força tarefa que é a busca por acolhimento, acredita-se que a formação de uma identidade coletiva tem origem no ato de associação visando o mesmo bem comum, unindo sujeitos LGBTQIA+ por marcadores referentes às lacunas existentes na proposta de direitos básicos, tópico a ser explorado no subcapítulo a seguir.

2.3 ALGUMAS QUESTÕES DE ARMÁRIO E IDENTIDADE

Para além dos direitos civis básicos, outra luta pertinente já aqui citada, é a luta pela visibilidade e representatividade de LGBTQIA+. Ambas voltadas para os mais diversos campos de um corpo social, como política, arte, comunicação etc. Como visto anteriormente, a criação do “Lampião da Esquina”, na época da Ditadura Militar, abriu margem para que surgisse um diálogo sobre a importância de oportunizar espaços de identificação para a comunidade (sejam eles físicos ou não). Atualmente, ainda é comum nos depararmos com imagens estereotipadas de pessoas LGBTQIA+ na mídia, que põe o homem cis gênero gay como alívio cômico ou uma mulher transsexual como motivo de piada por ter uma vida afetiva, por exemplo.

Mas a reflexão a ser proposta aqui é: de que maneira ocorre a formação de identidade *queer* em frente a tantas barreiras externas como a permanência de imagens estereotipadas dos LGBTQIA+. Conforme visto anteriormente, há um histórico de violência e rejeição que une os aspectos identitários de cada sujeito da comunidade. Naturalmente, também há um histórico de luta e de conquistas, pois a identidade não é formada exclusivamente por condições nocivas, ainda quando estas representem um impacto considerável no processo.

De início, é necessário compreender e reforçar que a identidade *queer*, objeto de pesquisa desse trabalho, deve ser vista sob uma ótica plural. As características compartilhadas entre a população LGBTQIA+, mesmo com suas respectivas particularidades, ajudam a compor uma série de vivências nas quais essas características estarão projetadas. Louro (2012), aborda o conceito do termo *queer* de forma didática, pode-se compreender o porquê de a comunidade estar sempre às margens da sociedade:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2012, p. 8).

Para desenvolver esse raciocínio, começemos com um fenômeno de cultura própria que é patente nessa conjuntura: o armário. Experienciar o armário é um evento inadiável na vida de qualquer sujeito LGBTQIA+, o qual é vivido sob uma significativa simbiose, à medida em que: I) essa vivência é essencialmente individual, já que cada

pessoa vive um diferente contexto; II) o armário é uma realidade compartilhada, pois existe num cenário coletivo. De maneira geral, pode-se considerar que o armário gay é fruto de um sistema de intolerância, que se difere de outros sistemas por aspectos mais perceptíveis, como ocorre em casos de preconceito racial (SEDGWICK, 2007). Além, é claro, da notória relação de poder que se estabelece quando a sexualidade ou identidade de gênero “é posta para fora do armário”. Ainda conforme Sedgwick (2007, p. 38), “em muitas relações, senão na maioria delas, assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam”.

Cronologicamente, a ideia de uma identidade escondida no armário não é a primeira vivência que um LGBTQIA+ experiencia. No entanto, a escolha de partir dessa proposição se deve a dimensão desse fator no processo de construção identitária, seja ele visto por um espectro pessoal ou coletivo. Portanto, para entender como são as barreiras que constroem o armário LGBTQIA+, é necessário dissecar um conceito existente da significação de identidade. Butler (1990), afirma que as discussões sobre identidade e identidade de gênero, especificamente, estão correlacionadas, pois a primeira deve ser considerada uma consequência do entendimento da segunda. Indubitavelmente, a consciência individual de identidade de gênero depende de inúmeros fatores subjetivos como a leitura de privilégios, papéis de gênero e binarismos. Como a autora sustenta, essa construção é barrada por reguladores enraizados nas dinâmicas sociais:

A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero” (1990, p. 552).

Deste modo, fica claro o porquê da jornada coletiva de descoberta identitária – para a comunidade LGBTQIA+ – ser marcada pela rejeição em espaços sociais. O estigma que paira sobre essas ideias ainda é sexista e corrobora com uma figura inacessível de identidade, a qual ignora todas as facetas de transgeneridades⁷, homo e transexualidades. Há divergências sobre como as inúmeras estruturas de poder regulam esse raciocínio, mas, em suma, é esse impeditivo que culmina na formação de um senso coletivo, de uma comunidade pela qual é possível encontrar vivências

⁷ Oposto de cis gênero, ou seja, não se identifica com o sexo designado no nascimento. Também é um termo “guarda-chuva” que abrange transsexuais e travestis.

semelhantes e fluidez no reconhecimento de identidade em contrapartida. Butler (2004) também discorre sobre como a percepção do “outro” contribui para o estranhamento da própria identidade. Só é possível compreender as próprias características se tivermos referências externas, sejam elas similares ou opostas àquela que é questionada. O resultado desse questionamento nos levará a outro dualismo na compreensão de identidade: apropriar-se dela não é necessário somente pelo significado individual, mas também por conta de como essa identidade é percebida pelo outro. É uma maneira de afirmação e, com isso, de encontrar pertencimento dentro de uma camada social.

Eventualmente, o ato de apropriar-se da própria identidade – uma identidade que desafia o arquétipo cis gênero e heterossexual – suscita um desequilíbrio nas estruturas de controle que embasam um corpo social. Silva (2006) aduz que a formação identitária é, inevitavelmente, refém da realidade imposta por “uma maioria”. Ora, os padrões de conduta, de consciência do próprio gênero e de desejo sexual perpetuados por longos séculos perdem a força gradativamente, diante da aclaração do cerne do preconceito: a urgência de regulação de identidades consideradas subversivas.

Para trançar uma identidade coletiva que acolha todas as letras da sigla LGBTQIA+, também é necessário compreender que esses antecedentes de natureza violenta estão interligados em uma complexa discussão sobre o significado dos papéis de gênero para a sociedade. A misoginia é uma forma de opressão sustentada há muito tempo, uma violência que caracteriza a figura da mulher com inferioridade. Partindo desse fato, tomemos o recorte da homossexualidade masculina como exemplo. Dentro da cultura predominantemente heteronormativa, há o entendimento equivocado de que apoderar-se de uma identidade gay simboliza uma performance que cabe a mulher, numa hierarquia social. Salienta-se que gênero pode ser definido como a construção social de um conjunto de comportamentos distintos de forma binária. Beauvoir (2009, p. 757) frisa que “a estrutura social não foi profundamente modificada pela evolução da condição feminina; este mundo, que sempre pertenceu aos homens, conserva ainda a forma que eles lhe imprimiram”.

A sigla LGBTQIA+ é um reflexo do quão fluída a identidade coletiva compartilhada pela comunidade pode ser. É uma sigla em constante expansão, visando sempre representar e acolher recortes plurais. Quando ainda engatinhava no Brasil, o movimento era representado pelo termo “GLS”, que traz lésbica, gays e

simpatizantes. A sigla foi oficializada em 1994 e posteriormente o B passou a integrar, correspondendo aos bissexuais. Posteriormente, a abreviatura transformou-se em “LGBT”, que é tido como o termo mais usado até hoje. O L muda para o início da sigla conforme uma demanda da militância lésbica, que era constantemente invisibilizada por um movimento que parecia dar enfoque aos homens gays, fato que chama a atenção para a ocorrência de um duplo empecilho a ser enfrentado: a rejeição e a segregação também são realidade dentro do meio LGBTQIA+. O T também foi acrescentado para representar as identidades de travestis e transsexuais, sendo a primeira sigla a simbolizar identidade de gênero ao invés de sexualidade, seguido então pelo Q, a bandeira *queer*⁸, a letra I para pessoas intersexuais⁹ e A para os que não sentem atração sexual, os assexuais. O “+” é para lembrar que há mais identidades que não estão visíveis na sigla.

Queer é um termo extensivo para aqueles que não se sentem representados pelas limitações das outras letras, simboliza possibilidades de gênero e sexualidade. Além disso, a expressão foi ressignificada. No século XVI, utilizava-se essa palavra para descrever alguém excêntrico, mas só foi utilizada de maneira pejorativa para referir-se a homens homossexuais a partir de 1800 quando o Marquês de Queensbury¹⁰ usa a expressão de maneira negativa em uma carta para aludir a homossexualidade de seu falecido filho. Mais tarde, a intervenção que transforma a conotação da palavra vem de diversas fontes. Butler, advoga que “queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2002, p. 58).

Nos anos 90, movimentos de militância também encaram o uso do nome como uma forma de empoderamento, como é o caso do grupo *Queer Nation*, que teve origem em Nova York e era reconhecido por ser uma organização sem hierarquia. Propuseram o debate sobre violência contra a comunidade LGBTQIA+ e a epidemia de HIV/AIDS. Do mesmo modo, produções culturais acompanharam essa moção, a série “*Queer as Folk*” - cujo título possui versão britânica e americana – aborda a vida

⁸ De acordo com o Dicionário de Oxford, em tradução livre, é um adjetivo usado para caracterizar uma pessoa *estranha*.

⁹ De acordo com o guia de terminologias LGBTQIA+ Stylebook, em tradução livre, refere-se a pessoas que não nasceram com características padrão do gênero binário, ou seja, tem desenvolvidas características ambas do sexo masculino e feminino.

¹⁰ John Sholto Douglas foi o 9º Marquês de Queensbury, parte da nobreza escocesa e famoso por seu conflito com o escritor Oscar Wilde, o qual manteve uma relação afetiva com o filho mais velho de John, Lorde Alfred Douglas.

de personagens *queer* e uma percepção de visibilidade começa a ganhar força. Ainda que, nos dias atuais, possa-se problematizar a reprodução de alguns estereótipos nas narrativas, elas são muito pertinentes enquanto espaço de identificação para os LGBTQIA+. Deste modo, defender *queer* vai além de um “lugar” de encaixe. Significa também uma bandeira de identidade coletiva.

Outra faceta do espectro que simboliza a construção de identidade *queer* é a necessidade de autorreconhecimento nas mídias. Muito se discute o quão importante é haver representatividade nas telas para diversas camadas sociais marginalizadas. Conforme mencionado anteriormente, os zines e publicações independentes sobre a comunidade *queer* em tempos de opressão ocupam uma função similar a que se refere aqui, o espaço de identificação. Naturalmente, à medida em que a humanidade evolui, os meios de reprodução que servem como tela para reconhecer-se no outro também se transformam, possibilitando múltiplos recursos que proporcionarão essa descoberta. Kellner (2001) encara a mídia como um fator agente na identidade pós-moderna, e assim sendo, tem o poder de reproduzir figuras que mimetizam quem as consome, incluindo todas as questões de relação de poder que os indivíduos carregam consigo em suas respectivas realidades.

Além disso, essas representações, fruto da indústria cultural pós-moderna, são capazes de impactar escolhas que nos definem como sujeito e posicionamento perante o mundo. Ele também analisa que, em contraponto a teóricos mais contemporâneos, apesar dos múltiplos aspectos de identidade experienciados ao longo da vida, é possível considerá-la fixa, de algum modo.

As formas de identidade na modernidade também são relativamente substanciais e fixas; ainda têm origem num conjunto circunscrito de papéis e normas: pode ser mãe, filho, texano, escoteiro, professor, socialista, católico, homossexual - ou então uma combinação desses papéis e dessas possibilidades sociais (2001, p. 296).

Em suma, podemos aferir que a representatividade em mídia trata não só da contribuição para construção identitária de um LGBTQIA+ como também equipara – da maneira mais funcional possível – com uma realidade composta de pluralidades. De acordo com o “*We Are On TV*” de 2019-2020, um reporte anual do GLAAD¹¹ que

¹¹ Organização não governamental americana fundada em 1985. Atua na pesquisa acadêmica sobre a comunidade LGBTQIA+ e tem como missão causar um impacto cultural para promover a inclusão da diversidade.

analisa a representatividade LGBTQIA+ na mídia de entretenimento, atualmente há 120 personagens LGBTQIA+ em papéis regulares na televisão. Desses 120, 40 são personagens representando mulheres lésbicas, 21 mulheres bissexuais, duas mulheres transgênero e heterossexuais e um personagem não binário. Homens gays foram 46, sendo quatro deles transgêneros. Nesse aspecto, a referência positiva da diversidade retratada nas telas nos leva a diferenciação entre os processos de autorreconhecimento. Quando se fala em visibilidade, por exemplo, trata-se de evidenciar a existência de algo ou alguém, enquanto representatividade explora uma percepção que dá conta das experiências individuais de cada sujeito, como a etnia e a classe social.

“A cobertura de pautas e pessoas que historicamente foram consideradas tabu podem aliviar um fardo para a comunidade LGBTQ, ao mesmo tempo que educa sobre gênero, expressão de gênero, pronomes e orientação sexual”¹² (THE WASHINGTON POST, 2019). Sendo assim, pôde se entender nesse capítulo algumas nuances que tecem a identidade de um indivíduo LGBTQIA+, as quais também se fazem presentes na narrativa documental *Favela Gay* a ser aprofundada a partir do capítulo seguinte, que irá explorar em que medida o recorte de espaço influencia a vivência dos atores sociais da diversidade.

¹² Tradução nossa.

3 DENTRO DAS FAVELAS CARIOCAS

Neste capítulo discutir-se-á o papel do espaço na formação dos LGBTQIA+ enquanto sujeitos. Primeiro, compreenderemos como se dá o espaço em que os LGBTQIA+ se encontram e como ele reflete na construção identitária de um indivíduo. Para fundamentar esses conceitos, Perlman (2010), Jovchelovitch (2018) e Santos (1994) darão conta do espaço em sentido de relações e territorialidades. Visando jogar luz na perspectiva humanizada das vivências *queer*, Wisniewski (2020), Santiago (2013) e Fernandes (1992) trazem a significação do termo vivência, abordando uma das personagens do documentário que ilustra a personalidade da bandeira trans na favela. Encerrando esse capítulo, compreenderemos o porquê da população LGBTQIA+ possuir tantos fragmentos entre si, utilizando Toitio (2017) e Williams (2011) como referências na elaboração de diferenças de classe.

3.1 ESPAÇO É UM FATOR PERTINENTE

Rio das Pedras, Rocinha, Cidade de Deus, Complexo da Maré, Andaraí, Vidigal e Complexo do Alemão são os espaços explorados pelo diretor Rodrigo Felha no decorrer de *Favela Gay*, exatamente nessa ordem. Sete das 763 comunidades da Capital fluminense, de acordo com o senso mais atualizado do IBGE¹³, que abrigarão as vivências de indivíduos LGBTQIA+ dentro de um prisma, intercalando as faces estritamente singulares com as faces de experiência compartilhada. A referência de lugar já é evocada no título do documentário, logo, o estranhamento de problemáticas relacionadas a territorialidade surgem com fluidez. Regressando mais de 100 anos na história do Rio, iremos nos deparar com uma realidade na qual escravos libertos e seus descendentes tentam estabelecer uma vida digna na cidade, e como consequência, criavam comunidades. Posteriormente, instala-se uma das primeiras favelas que se tem registro, o Morro da Providência. As construções começaram na base do lugar e progressivamente subiram os morros de fato, já nessa época tiveram que lidar com a violência policial numa tentativa de desapropriação. Durante a ditadura militar no Brasil, as pessoas pobres e negras foram extremamente marginalizadas e a corrupção policial também contribuiu muito para que o índice de violência nas

¹³ Os dados mais atuais são do ano de 2010.

favelas crescesse. Daí em diante, o tráfico começa a exercer um papel central no domínio territorial das comunidades (RODRIGUES, 2014).

Quando falamos de espaço, também se memora uma questão substancial ligada ao viver na favela como um todo: a marginalidade. Perlman, que traça as características do Mito da Marginalidade na favela, destaca que a população que se encaixa nesse estigma é parte vital da nossa organização social, visto que exercem o papel do trabalhador essencial, que está sempre à mercê da desigualdade de classe. Historicamente falando, a marginalidade se torna uma discussão de praxe entre ativistas e intelectuais nos anos 80, quando tornaram evidente que a pobreza e a discriminação racial impedem uma vivência digna para o ser humano (PERLMAN; JANICE, 2010, p. 148). A favela também serve de filtro para visualizarmos a experiência do eu nesse contexto. Jovchelovitch faz um ensaio sobre a formação da identidade nas favelas do Rio de Janeiro. O documentário é eficiente no sentido de evocar as mesmas nuances que a autora tensiona, ou seja, uma bagagem de vivências fortemente marcadas por uma série de violências cotidianas. Ainda se afirma que não é possível separá-las desse “estranhamento do eu”, são duas construções essencialmente interdependentes. A violência em questão é originada de diversos fatores, podendo citar o protagonismo do tráfico na vida dos indivíduos, a exposição à pobreza, miséria em alguns casos, e a luta diária para adquirir bens básicos de consumo. A autora também argumenta, com base em sujeitos que foram objeto do estudo, sobre a centralização da família e das organizações não governamentais no papel de referência para os residentes das favelas cariocas.

Existe uma significativa referência ao papel de modelos de identificação estáveis e amorosos na trajetória do Eu e, em particular, ao papel que esses modelos desempenham para ajudar as pessoas a enfrentar e superar experiências difíceis. Os participantes têm consciência de como o apoio da família e/ou das instituições ajuda-os a fazer escolhas e a evitar o apelo de uma esfera pública na qual o tráfico de drogas é uma presença constante. Ações de apoio e a presença de modelos que permitam a identificação positiva são identificadas tanto em figuras familiares, como em organizações como o AfroReggae e a CUFA. É interessante notar que muitos dos participantes utilizam a palavra mãe para descrever essas organizações e comparam-nas à família (JOVCHELOVITCH, 2018, p. 77).

Partindo de um ponto de vista mais objetivo, o espaço tratado aqui pode ser definido como um lugar permeado de fronteiras urbanas. Santos (1994) descreve uma noção de territorialidade pertinente nesse sentido, fazendo-nos pensar que a

organização do espaço está inevitavelmente vinculada às relações de hierarquia e à influência da globalidade em um espaço:

Os territórios - necessariamente, *prurialia tantum* - são espaços de ação e de poderes. Os territórios contemporâneos têm diferentes inserções na globalidade que é historicamente fragmentada. O mundo - a globalidade - se apresenta e se mostra aparentemente como caótico, o que gera a sensação do estado de fluidez, temporalidade e de futilidade, justamente pelo desencontro entre a ideia (de globalidade) e a vivência angustiante da fragmentação (SANTOS, 1994, p. 271).

A ponderação sobre espaço se faz ainda mais presente quando começa a narrativa da segunda personagem abordada no documentário. Martinha é introduzida no minuto 2:53 de tela e durante boa parte de sua fala, ela é mostrada em uma área aberta, com a Rocinha desfocada em segundo plano. Ela é uma mulher trans, residente da favela da Rocinha e demonstra convicção do papel que lhe cabe e o orgulho em levantar a bandeira da própria identidade.

Essa personagem traz um depoimento emocionante sobre seu ritual de batismo, explicando que seu nome composto foi uma escolha que lembra o nome registrado na certidão de nascimento, que também é composto. Martinha foi socializada com mulheres trans mais velhas e conta que o batismo é um rito de passagem importante na vida de uma mulher transsexual, fazendo com que ela se sentisse aceita pelas outras mulheres trans do círculo de convivência. A cena muda quando, enquadrada em um plano médio, explica que o valão atrás dela é o local onde foi batizada, detalhando o que acontece na cerimônia e a semelhança com um ritual cristão, de modo que ela foi mergulhada na vala três vezes e teve seu nome proferido em voz alta. A vala enquanto espaço físico, remete fortemente aos espaços de identificação que unem um coletivo em estado de vulnerabilidade, fato confirmado pelo depoimento de Martinha que descreve a importância do reconhecimento de suas irmãs¹⁴. É visível o valor simbólico do valão para a personagem, tanto que em dado momento o compara “não é nenhum Rio Sena, mas é nosso riozinho do valão”.

Martinha representa o T da sigla, inserida num espaço onde está vulnerável a violência. Seu recorte individual evidencia como foi aceita e acolhida pela família, sendo considerada parte da “ala feminina” da casa, ela narra que só sentia sua liberdade ameaçada pelo tráfico que comandava a área, visto que a expressão de

¹⁴ Termo comum entre mulheres transexuais e travestis ao se referirem umas às outras.

gênero era vista de forma negativa dentro desse contexto. Santos e Baptista (2011, p. 320) advogam que:

(...) a gramática normativa da vida em favela é um importante ponto a ser estudado e questionado com relação à estruturação subjetiva dos seus moradores, incluindo, uma análise mais minuciosa de pontos de convergência entre a experiência trans e a vida em favela, por serem duas narrativas de vida elegíveis como assassináveis.

Figura 3 - Marta Júlia



Fonte: Captura de tela, *Favela Gay* (2014)

É essencial reforçar que mesmo com todos os esforços para que as histórias de vidas LGBTQIA+ nas favelas seja contada, ainda é comum que haja alguns “apagamentos” devido a generalização de espaço, como mencionado. Martinha reforça que, na sua perspectiva, as comunidades carentes costumam ter uma ótica mais sensível para tratar de temas referentes a minorias. Além disso, a construção narrativa do documentário permite ao espectador um vislumbre do movimento de apropriação do espaço em que se vive, tanto pelo ponto de vista de Martinha quanto pelos demais personagens. Apropriar-se do espaço é um ato intrinsecamente ligado à pauta de luta de classes, uma vez que a manutenção dessas estruturas é ininterrupta e envolve também centros urbanos. Não obstante, essa apropriação serve para que o sujeito possa se autoafirmar e sentir pertencimento no espaço em que habita (FERNANDES, 1992).

É muito comum nos depararmos com imagens estigmatizadas da favela em produtos da mídia. A violência e a marginalidade quase sempre estão vinculadas às

narrativas que dão protagonismo a esse cenário. Campos (2010) analisa a favela como um espaço historicamente criminalizado. Em seus respectivos contextos, as favelas irão reproduzir algumas dinâmicas sociais como as associações de moradores, igrejas e espaços de sociabilização e lazer como escolas de samba. Além disso, o espaço também irá revelar manobras de controle e permanência, a exemplo das facções de tráfico que acabam sendo um fator determinante na maneira de habitar de cada indivíduo.

Evidentemente, há inúmeras pontas que se soltam quando o debate gira em torno da violência gerada a partir das atividades do tráfico nessas regiões. Metaforicamente falando, essas cordas podem levar a uma extensa discussão sobre a negligência do Estado como um dos protagonistas desse looping, o qual força pessoas negras e periféricas a permanecer nesse estigma marginal há muito enraizado. Nesse sentido, é imprescindível um olhar atento para a importância do movimento LGBTQIA+ dentro das favelas, que tem como cerne a resistência nos sentidos mais amplos possíveis.

É também um ponto de partida para entender-se como ser político, conforme a linha filosófica de Aristóteles. Ser LGBTQIA+ na favela também é encarar todas as fragmentações explícitas pelos recortes raciais e de classe tão distintos dentro da comunidade, os quais levam muitos indivíduos a buscarem um papel mais ativo num cenário de mudança, seja no âmbito político ou outro meio, tornando-se referência para as gerações LGBTQIA+ mais jovens. Marielle Franco¹⁵, no lugar de fala de uma mulher negra, lésbica e de origem periférica, defendeu até o fim de sua vida a democracia como ponto de reversão dessas problemáticas sociais.

Esse lugar que, sim, é marcado por uma violência de todos os lados, aonde a gente está exposto a opressão por muitas das vezes, diz que a gente não compactua com isso, que a gente não tem que normalizar o entrar na favela e ter que acender as luzes, ou sair da favela e ter que ouvir de agente de segurança dizer “que ainda não matou ninguém”. A gente vai entrar, a gente vai sair, a gente vai fazer política, a gente vai resistir (...).¹⁶

A luta por direitos básicos se torna uma herança geracional. Muitos LGBTQIA+ morreram, ao longo dos anos, porque se recusaram a viver a vida no anonimato. Esse

¹⁵ Socióloga formada pela PUC-RIO e vereadora do Rio de Janeiro, assassinada no dia 14 de março de 2018.

¹⁶ Transcrição de um trecho da fala de Marielle. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gUVIxFsnGo&ab_channel=D%C3%A1riodoCentrodoMundo. Acesso em: 21 out. 2020.

certamente é um dos marcos da identidade coletiva aqui tratada. O movimento de uma vida fora do armário é lido como irregular para os padrões sionormativos, é comum rotularem a comunidade como transgressora. A autoexpressão, o questionamento sobre gênero e o “barulho” da diversidade são fatores essenciais para a conquista de um espaço de inclusão. Portanto, podemos afirmar que a vida fora do armário é inevitavelmente um ato de cidadania. É quando nos damos conta de que até o próprio corpo é político e não resta outra opção senão a luta por uma vida digna (WEEKS, 1998).

3.2 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE VIVÊNCIAS LGBTQIA+ NAS COMUNIDADES

O documentário *Favela Gay* trata, sobretudo, de vivências. De maneira simplista e quase redundante, vivência se refere ao “processo” de viver ou a manifestação da vida.¹⁷ Naturalmente, não é possível minimizar o conceito de vivências em definições simplistas, e para complexificar esse tópico, o caminho mais óbvio é questionar-se: o que é vivência para alguém *queer* numa favela?

Ainda no início desta pesquisa, foi explorado a quão sistêmica é a opressão para a comunidade em nível universal. De acordo com o relatório anual mais recente do Grupo Gay da Bahia (GGB), no ano de 2019 foram contabilizadas 329 mortes de pessoas LGBTQIA+ no Brasil, das quais 297 foram classificadas como homicídio e 32 como suicídio. 118 dessas vidas encerradas eram de travestis e transsexuais que, em território nacional, têm a expectativa média de vida calculada em 35 anos.¹⁸

Quanto mais perto da base da pirâmide social, a chance de tornar-se um número subnotificado é ainda maior. A carga de violência e morte impacta diretamente na experiência de um LGBTQIA+, cuja sensação de exposição e insegurança acompanha parte considerável dessa vivência. Conforme Wisniewski (2020, p. 90) “a invisibilidade imposta aos sujeitos LGBTQ é um infortúnio construído de ideais sociais que foram estabelecidas por indivíduos em determinado tempo e espaço e que se disseminaram na sociedade, ao passo que discriminam e marginalizam os sujeitos”. É inegável que a conjuntura progrediu desde os acontecimentos de Stonewall, e a

¹⁷ Definição segundo Oxford Languages.

¹⁸ Dados da União Nacional LGBT.

clandestinidade dos espaços de identificação e sociabilização (fundamentais nas vivências e construção identitária LGBTQIA+) já não condiz com a realidade.

A exemplo disso, é possível citar um evento meteórico e relativamente recente, o qual é histórico para as vivências LGBTQIA+ dentro das favelas. No dia 26 de janeiro de 2019 ocorreu a primeira edição LGBTQIA+ do Baile da Gaiola. O evento, que também é conhecido como Baile da Penha, foi um manifesto cultural do Complexo da Penha, que fica localizado na Vila Cruzeiro, região norte do Rio de Janeiro. Um dos principais objetivos do evento é reunir pessoas para festejar e celebrar o funk carioca. A edição da diversidade foi proposta pelo DJ Rennan da Penha¹⁹, que chegou a sofrer represália dos órgãos governamentais do Rio pela iniciativa e posteriormente prendeu o músico por associação ao tráfico de drogas, numa ação amplamente reprovada até mesmo pela Ordem dos Advogados do Brasil²⁰, que descreveu a prisão como “criminalização da arte popular”. Em uma análise sobre a cultura do funk, Santiago (2013, p. 4) enfatiza:

Desde a contracultura que a temática sexual e a libertação das mulheres na cena musical abre portas para a inclusão do que se pode chamar de “público gay” e, nos últimos tempos, do “público transgênero”³. A performance sexual e as letras das músicas dos artistas funcionam como instrumento de subversão e, portanto, atingem públicos que precisaram transgredir a ordem para melhor viverem suas possibilidades sexuais e identidades de gênero.

¹⁹ DJ carioca conhecido por produzir funk 150 BPM, um ritmo mais acelerado que o funk tradicional.

²⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/oab-do-rio-repudia-prisao-do-dj-rennan-da-penha-idealizador-do-baile-da-gaiola-23557370>. Acesso em: 22 out. 2020.

Figura 4 - Baile da Gaiola LGBTQIA+

Fonte: Felipe Laroza/Vice Media Brasil (2020)

O fato é que iniciativas como a do DJ Rennan da Penha são fortes sinais de progresso no debate da pauta dentro das favelas, levando em conta o recorte geracional do idealizador do baile. Espaços que acolhem a população LGBTQIA+ e promovem a diversidade são vitais para que haja uma mudança nos números expostos no início desse subcapítulo. É válido ressaltar que há décadas inúmeras organizações não governamentais vêm trabalhando com a inclusão de populações “minoritárias” nas favelas. Ações como roda de conversa e cine debate são frequentemente cumpridas nas comunidades, sempre visando um olhar mais humanitário para a causa e a possibilidade de um espaço mais seguro nesse sentido. Conforme proposto anteriormente nas discussões teóricas sobre espaço de identificação, o “estar” fora do armário e a socialização fora do anonimato são questões vitais, as quais são tensionadas dentro de diálogos sobre direitos humanos básicos. As vivências LGBTQIA+ não devem ficar à margem de estatísticas que traduzem somente perdas, tampouco serem resumidas em discursos de ódio e preconceituosos originados de múltiplas fontes, desde o lar em que se vive até o Palácio da Alvorada. Deste modo, é pertinente ressaltar que todo movimento para reconfigurar esse sistema arcaico de opressão só pode ser válido.

Em síntese, vivências LGBTQIA+ dentro das favelas são marcadas por muitas bandeiras. É importante ressaltar que quando se discute as demandas de cada uma

dessas bandeiras, uma pauta não irá anular a outra, mas é preciso estar atento ao fato de que há disparidade entre elas, por exemplo, como alguns grupos discutem acesso a mantimentos suficientes para um dia outros atentam-se para a importância do uso apropriado de pronomes neutros. Há uma segmentação sólida nesse sentido, que leva os LGBTQIA+ a um duplo movimento de segregação, ou seja, dentro e fora da comunidade. Portanto, é necessário ter em mente que a desigualdade social é um problema urgente inserido no repertório de experiências de uma pessoa *queer* na favela. Essa afirmação irá nortear o conteúdo do próximo capítulo, e veremos com mais nitidez como o recorte de classe social influencia nessa partição.

3.3 SOBRE ALGUNS MARCADORES DE CLASSE

A presente monografia vem tratando da identidade LGBTQIA+ através de um filtro que foca na experiência coletiva. No entanto, como já mencionado, há uma série de condições e especificidades que bifurcam essa jornada compartilhada, as quais privilegiam determinados indivíduos, uns mais do que outros. Pode-se dizer que são esses recortes que efetivamente separam os movimentos de militância, uma vez que essas diferenças se tornam claras na luta por direitos igualitários. Os marcadores mais evidentes são os étnicos e os de classe.

De maneira geral, é preciso ter em mente que pessoas racializadas estão mais suscetíveis a exclusão. Pessoas pretas, amarelas e indígenas não têm acesso a mesma gama de oportunidades que pessoas brancas, fato posto. Avançando na discussão, o nível social soma-se a etnia e identidade de gênero, e dessa maneira, as dissemelhanças dentro do próprio meio LGBTQIA+ ficam cada vez mais gritantes. Ainda assim, a evolução e a visibilidade do movimento coletivo oportunizaram novos estudos sobre a consciência de classe. Toitio (2017, p. 73-74) cruza os escritos de Marx com os de Butler, numa análise cirúrgica sobre como essas transformações sociais afetam a lógica produtivista, o autor aponta:

(...) O que se verifica, atualmente, é uma cultura que convive de maneira contraditória com as questões de gênero e sexualidade: de maior tolerância e visibilidade, mas também de aumento das formas de violência e invisibilidade. Essa contradição não é mais que uma expressão de uma cultura em mutação, no entanto, ainda hegemonicamente heterossexista e generificada. Afirmar que o capital não tira proveito das relações de sexualidade e gênero porque as grandes corporações defendem os direitos LGBT não tem sentido. Não é porque as mesmas corporações fazem

campanha a favor de mulheres, negros/as ou imigrantes, que isso significa que elas não lucram com as desigualdades em que estas/es estão inseridas/os.

Toitio narra a contradição conjugada no singular, mas há uma lista com constantes acréscimos para enumerar exemplos que ilustram esse cenário. É oportuno trazer o caso mais urgente para a comunidade LGBTQIA+, que exprime a situação de extremo risco a que a população de travestis e transsexuais está exposta. O acesso ao mercado de trabalho não é uma realidade plausível para esse recorte, de modo que 90%²¹ desse grupo recorre a prostituição como fonte de renda no Brasil. Além de lidarem com a rejeição familiar, muitas pessoas trans são privadas de uma educação formal, culminando na falta de acesso a oportunidades e sujeitando-se a exploração sexual para poder sobreviver. *Favela Gay*, nosso objeto de estudo, também permeia esse tema como vivência de ator social.

Figura 5 - Pandora na “pista”²²



Fonte: Captura de tela, *Favela Gay* (2014)

Em contraponto, o corporativismo vem abrindo portas tanto de acesso empregatício quanto de consumo para as outras bandeiras da sigla. A “comercialização” da Parada LGBTQIA+ e a recorrência do uso do termo “Pink

²¹ Levantamento realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA).

²² Termo usado para se referir aos pontos de prostituição.

Money”²³ indicam o quão ostensivo é essa moção econômica, a qual evoca uma pauta frequentemente levantada pela comunidade, que é a inserção dos LGBTQIA+ na sociedade de consumo. No entanto, não é preciso uma análise muito minuciosa para concluir que o mercado é moldado conforme a imagem de quem tem mais privilégio e poder aquisitivo. Supõe-se que há uma superestrutura, nos termos de Marx e Engels (2012) quando se referem a hierarquia social, que determina como esses papéis se desenrolam sistemicamente, a qual depende de movimentos internos (nesse caso, dentro do movimento LGBTQIA+) e externos para que seja funcional.

Quando se fala nessas questões que traduzem a cidadania *queer*, trazemos à tona os conflitos de interesse que causam tantas divergências no movimento. Colling (2015) narra as tensões propriamente ditas, originadas devido a diferentes discussões de demandas LGBTQIA+. Pode-se aferir que o autor busca desfazer os paradigmas de igualdade que estão associados a imagem dos grupos de diversidade. Nesse aspecto, é interessante retornarmos ao debate já proposto aqui sobre identidade coletiva. O ponto que propicia e ilustra essas tensões é que a noção de identidade compartilhada pode se mostrar um tanto hegemônica às vezes, restringindo indivíduos marginalizados socialmente pela classe a qual pertence. Nas palavras do autor, essa diferenciação fica mais clara se separarmos ativismo *queer* do movimento LGBTQIA+ enquanto instituição.

O movimento LGBT institucionalizado apostou e ainda aposta quase que exclusivamente na conquista de marcos legais, em especial matrimônio ou outras leis, como as de antidiscriminação, identidade de gênero e normativas, como portarias para o uso do nome social por pessoas trans, etc. Já o ativismo *queer* prioriza as estratégias políticas através do campo da cultura, em especial através de produtos culturais, pois ativistas entendem que os preconceitos nascem na cultura e que a estratégia da sensibilização via manifestações culturais é mais produtiva, mas desde que elas também confrontem as normas de gênero e sexualidade que já estão instituídas. Por isso, além de produtos culturais mais conhecidos, as performances políticas, realizadas diretamente nas ruas, ganham grande espaço nesses coletivos.

Mesmo que possa parecer uma hipótese pessimista, essa lógica não descarta a possibilidade de reconfiguração da hierarquia estabelecida (WILLIAMS, 2011). Williams ainda perpassa o trabalho de John D'Emilio, que contextualiza a forma como o processo de urbanização abalou os papéis econômicos de cada indivíduo de um núcleo familiar, e a partir daí abre-se uma brecha para novas reformulações no

²³ Referente ao poder de consumo da comunidade LGBTQIA+.

ambiente familiar, a qual também prevê a união afetiva entre duas pessoas do mesmo sexo. Naturalmente, explorar esse nicho de mercado não é algo exatamente novo, visto que o próprio *Stonewall Inn* visava o lucro em cima da comunidade gay no final dos anos 60. No entanto, as dessemelhanças entre cada segmento da sigla pela perspectiva dos meios de produção mantêm o status preocupante.

Ainda há um árduo caminho a percorrer para que o Artigo 23²⁴ da Declaração Universal dos Direitos Humanos seja efetivo para a população de trans e travestis, que compõe a parcela mais vulnerável da comunidade. E é pertinente lembrar que a demanda por um trabalho digno ainda é precedido pelo direito de existir, visto que pessoas desse segmento têm as vidas ameaçadas constantemente. Ainda há diversas barreiras, não somente para esse artigo isolado, mas todos os outros que projetam uma vida mais digna e longa para os indivíduos *queer*. Mas, mesmo que os sistemas de opressão continuem se movimentando, mesmo que grupos fundamentalistas LGBTQfóbicos ocupem espaços de poder, há um outro lado que continua resistindo.

²⁴ Direito ao trabalho livre, justo e remunerado.

4 FAVELA GAY, O DOCUMENTÁRIO

Nesta etapa do trabalho, faremos uma imersão no universo diegético do documentário *Favela Gay*, de forma que exploraremos a narrativa de Rodrigo Felha através da análise fílmica. De antemão, é necessário ter em mente que os autores que servem de base teórica para essa pesquisa reforçam que não há um “jeito certo” de fazer esse exercício. Partindo dessa premissa, essa análise será baseada conforme conceitos de Vanoye e Goliot-Lété (2002), Nichols (2005) e Jacques Aumont e Michel Marie (2013). Esses autores fundamentarão – respectivamente – as reflexões sobre a interpretação fílmica a partir de uma perspectiva sócio-histórica, as questões éticas na produção de um documentário e o olhar sob a informação visual e o texto fílmico das telas. Antes de desenvolver a análise proposta, passaremos por uma breve contextualização sobre a obra e o autor, e na sequência será esclarecido como se deu a soma dos conceitos desses autores ao olhar lançado sobre o filme.

4.1 UMA SÍNTESE DA CONSTRUÇÃO DO LONGA

Pensar em favelas, mais especificamente na forma em que estão gravadas no imaginário popular, é um exercício complexo. Assim como outros temas relevantes, a favela está encadeada a uma série de estereótipos e preconceitos advindos da violência e da criminalidade que ocupam um lugar no espaço. O filme *Cidade de Deus*²⁵, por exemplo, é considerado um marco do cinema brasileiro, e se por um lado há um apelo por verossimilhança muito clara na obra, há também a reprodução de alguns estereótipos, fazendo com que as identidades das periferias sejam reduzidas a uma estetização da violência urbana que tende a ser espetacularizada (COSTA, 2017, p. 10). O documentário *Favela Gay* (executado pela companhia Luz Mágica Produções em parceria com o Canal Brasil) distancia-se dessa problemática de forma efetiva, à medida em que conduz o espectador em uma jornada nas vivências de 10 personagens sociais.

O elo de ligação entre esses atores é a construção da identidade dentro das favelas enquanto parte da comunidade LGBTQIA+. O cineasta Rodrigo Felha, que idealizou e dirigiu o filme, percorre os morros atrás das histórias de vida que

²⁵ Baseado no romance de Paulo Lins, é um longa-metragem lançado em 2002 com a direção de Fernando Meirelles.

constituem cada sujeito, e como resultado temos relatos de resiliência e amadurecimento em um contexto cuja rejeição é o caminho mais óbvio de acordo com as normas sociais. Uma das camadas que estrutura o filme é a relação do “eu” dos personagens, com seus respectivos espaços nas favelas. Vislumbramos uma riqueza de detalhes elementar para o desenvolvimento do filme, a qual nos permite compreender o ponto de vista do ator social e fazer o exercício antropológico de “apropriar-se” do filtro com o qual esses personagens enxergam o mundo.

Felha formou-se em direção cinematográfica pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro, na Zona Oeste do Rio, e é referência no âmbito audiovisual nacional. Está familiarizado com o tema “favela”, visto que também é seu lugar de fala. Ele cresceu na Cidade de Deus e coordenou o setor audiovisual da ONG Central Única das Favelas – CUFA por sete anos antes de se dedicar a outros projetos. Ele também foi um dos diretores do longa 5 x Pacificação, que explora o conflito com as UPPS.²⁶ Posteriormente, no documentário aqui analisado, o diretor promove um debate sobre homofobia, transfobia, racismo, aceitação e de modo subjetivo aborda as dinâmicas sociais que regulam essas questões. É indiscutível que as pautas que norteiam o documentário são pertinentes, e é notável que a construção narrativa tensiona problemas sociais incômodos de modo que a mensagem não se dissipa quando os créditos escalam a tela.

Rodrigo persistiu nesse recorte e criou uma extensão do longa, dessa vez no formato de série televisiva. A série “Favela Gay – Periferias LGBTQI+” foi lançada no dia 25 de março de 2020, e em 10 episódios as barreiras geográficas são expandidas para contar histórias de personagens em outros estados do Brasil.

4.2 METODOLOGIA

A partir do embasamento teórico sobre a identidade *queer* como conjunto de experiências compartilhadas, iremos identificar a abordagem dessa construção identitária, dissecando o longa-metragem através de uma análise fílmica. Iremos perpassar conceitos do cinema que dão uma dimensão ao porquê de cada escolha na produção do filme. Lançaremos um olhar atento para a composição imagética, sequência, trilha sonora e o discurso de cada personagem. Os escritos de Vanoye e

²⁶ Unidades de Polícia Pacificadoras.

Goliot-Lété (2002) serão importantes para desmembrarmos as informações visuais que *Favela Gay* dispara aos interlocutores. Nesse sentido, eles sintetizam a análise fílmica como um processo que depende de uma interpretação simbólica:

É possível postular que qualquer arte da representação (o cinema é uma arte da representação) gera produções simbólicas que experimentam mais ou menos diretamente, mais ou menos explicitamente, mais ou menos conscientemente, um (ou vários) ponto(s) de vista sobre o mundo real. De que tipo(s) de pontos de vista se trata (ideológico, moral, espiritual, estético)? Como se manifestam? Tais são as questões colocadas pelo analista sobre o filme, este sabendo que as respostas não se oferecerão necessariamente com toda a evidência. (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2002, p. 61)

A proposta é desmembrar os elementos que compõem o tempo de tela de cada personagem analisado. Tensionaremos as questões envolvendo vivências que constroem a identidade *queer*, seja dentro do escopo LGBTQIA+ ou de maneira singular. É importante destacar que essa análise é parcialmente cronológica, trataremos de um personagem que representa o recorte de homem gay, quatro personagens trans/travesti e um casal de lésbicas. No primeiro subcapítulo, iremos analisar a cena de introdução de *Favela Gay*, compreendendo as referências sócio-históricas através da composição e amparando-se na compreensão de Gimenez (2015) sobre as dinâmicas dos movimentos de ativismo e também Aumont e Michael (2013), que versam sobre o viés político de uma narrativa.

Na sequência, compreenderemos o ponto de vista de um representante da letra G da sigla, o qual tem como espaço de formação a Cidade de Deus. Posteriormente, no subcapítulo 4.3, atentaremos o olhar para quatro personagens trans/travestis e suas vivências que geralmente são apagadas. Por fim, analisaremos como a figura da mulher lésbica e negra foi retratada por Felha. Os critérios que ajudarão a fazer a análise também partem das noções éticas e o compromisso com a exibição de personagens autênticos de Nichols (2010). Como mencionado no início deste capítulo, todos esses autores reforçam que não há uma fórmula universal para a análise fílmica, portanto o filtro aqui utilizado também carrega lugar de fala e memória empírica de quem a escreve.

4.3 DO COMEÇO

A narrativa documental de Felha apresenta como primeiro personagem o artista Maxwell Pinheiro. A estrutura do documentário permite que voltemos ao personagem no decorrer do filme, de maneira que não haja nenhum desarranjo na linearidade do longa. O performer, que prepara a própria maquiagem olhando-se no reflexo do espelho do camarim - enquadrado em um plano médio curto - narra sua trajetória pessoal e a dicotomia que edifica a própria vida ao lado de Suellen Pinheiro, a *drag* que ele interpreta. Em um movimento *whip pan*²⁷, nos aproximamos mais do personagem, resultando num plano close-up no rosto de Suellen surgindo. Essa composição evoca a intimidade presente no teor do relato de vida, além de memorar a expressão de si quando o personagem é posto em frente ao espelho. Maxwell, que aparece antes da abertura, trata da *drag* na terceira pessoa, como se vivessem em corpos separados e apresenta para o espectador os conflitos do ofício de entertainer.

Ainda que seja apenas nos primeiros 2 minutos e 46 segundos de filme, as cenas são bem marcantes, o cenário é uma casa noturna do bairro Rio das Pedras, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Na sequência, cortes secos em plano médio de pessoas dançando e aplaudindo a chegada da *drag* ao palco, na trilha o som de uma versão instrumental de "Girls Just Wanna Have Fun"²⁸, a tela é tomada pelo grafismo *Favela Gay* com serpentinas vermelho e prata desfocado ao fundo até trocar para o próximo cenário. Esse conjunto que se destaca no universo diegético do documentário logo no início, memora a vida noturna dos LGBTQIA+. Vimos anteriormente que as dinâmicas de sociabilidade e os espaços de convívio mais seguros para a comunidade eram as casas noturnas - agora não mais - secretas. Os espaços que os bares e baladas propiciavam era de acolhimento, os quais permitiam que as pessoas se expressassem e encontrassem algum afeto. Gimenez (2015) advoga sobre a importância do que chama de memória de um espaço-tempo-humano para a comunidade LGBTQIA+:

Na perspectiva segundo a qual a construção da memória é instrumento das dinâmicas saber/poder potencializado pelas relações do presente, entendemos que as ações provocadas pela comunidade LGBT no início do século XXI desencadearam uma vontade intensa de memória. Essa busca de um passado comum do grupo justifica-se em dois pontos. O primeiro corresponde à construção de uma memória comum no sentido de coesão dos membros do grupo por meio da identificação de um passado (GIMENEZ, 2015, p. 361).

²⁷ Movimento no qual a câmera se desloca rapidamente de um ponto específico até um objeto ou personagem.

²⁸ Canção popular dos anos 1980 composta por Robert Hazard e interpretada por Cindy Lauper.

Ou seja, não é à toa que obras como *Favela Gay* evoquem elementos da memória coletiva da comunidade *queer*. A história é uma das características dessa identidade compartilhada que é objeto de estudo deste trabalho. Como já citado, o movimento LGBTQIA+ contempla uma trajetória de luta contra diversas formas de repressões, e é nesse sentido que a retomada da história se encaixa, pois ela serve de base para que as novas gerações tenham fôlego para levantar novas bandeiras. A ressignificação dos termos pejorativos, a liberdade para autoexpressão e a compreensão da própria identidade sexual e de gênero são noções que transbordam os pequenos espaços que serviram de guarida para essas vivências. Do bar *Stonewall Inn* em Nova York aos botecos clandestinos e bailinhos de carnaval brasileiros, tudo está centralizado na pertinência dessa conexão entre passado e presente, a qual regularmente salta aos nossos olhos quando nos propomos a ver e/ou ouvir o que significa diversidade.

Figura 6 - A vida noturna do Rio das Pedras



Fonte: Captura de tela, *Favela Gay* (2014)

Figura 7 - Jovens LGBTQIA+ de Stonewall



Fonte: Fred W. McDarrah/Getty Images (1969)

A cena de introdução é bastante sutil. Maxwell nem chega a aparecer todo montado²⁹, mas ainda assim todos esses elementos citados trazem à tona o poder simbólico dos espaços noturnos (que são noturnos pela natureza historicamente clandestina do estilo de vida dos LGBTQIA+) e das *drag queens* para o universo *queer*. Anteriormente, desmembramos aqui cada letra da sigla LGBTQIA+ e como cada um desses recortes integram o conceito de identidade coletiva da comunidade. Por mais que a arte performática das *drag queens* nada tenha a ver com sexualidade, há um posicionamento disruptivo na performance, a qual é *queer* por essência. A decisão de conferir esse espaço inicial também recorda que esse tipo de arte explora, de maneira cênica, a feminilidade em toda sua potência, totalizando na união de um coletivo que rejeita quaisquer normas que possam desfigurar sua identidade. *Favela Gay* é uma das diversas narrativas documentais que, como versa Nichols (2005), registram o “mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social”. Por conseguinte, reflexões como essa serão vistos em muitos frames.

4.4 NA CIDADE DE DEUS

²⁹ Termo usado para descrever uma drag queen com seu traje completo.

Aos 10:43 minutos de filme, somos apresentados a mais um personagem do documentário. A composição das sequências em que o cabeleireiro Flávio Ruivo foi retratado traduzem muito do espaço que ele ocupa. Nessa etapa, o longa é rodado na Cidade de Deus, a tela mostra um *travelling*³⁰ com Flávio percorrendo as ruas da favela em sua motocicleta, sem capacete e usando óculos escuros, enquanto narra sua história em *off*. Entre alguns cortes secos, temos o ponto de vista do painel da moto, centralizando o personagem em um contra-plongée³¹ que irá se repetir ao longo do tempo de tela dele. Essa introdução acontece antes que possamos ter o plano médio no qual o personagem dá seu relato sentado com um fundo sem profundidade de campo. Mas à medida em que o discurso de Flávio se desenvolve, começamos a compreender o que essas referências visuais querem dizer.

Flávio é um homem cis hétero e gay. Ele emite aquilo que chamamos de passibilidade³² no universo LGBTQIA+. Em outras palavras, o personagem se expressa – através das roupas e do estilo de vida – nos padrões heteronormativos, conseqüentemente ele está exposto à vulnerabilidade pela sexualidade, mas não tanto quando uma mulher trans na favela, por exemplo. De acordo com Butler (2003, p. 83), isso é uma espécie de “defesa sintomática porque o homem gay em questão não corresponde à ideia de homossexual que o analista formou e nutriu a partir de estereótipos culturais”. Como mencionado, ele foi apresentado em um plano contra-plongée, numa posição de poder e superioridade. No discurso do personagem há características de personalidade que o traduzem como uma pessoa que revida quando é atacado. Ele narra que já enfrentou algumas situações violentas e não tolera nenhum tipo de preconceito. Nesse sentido, a estética de Felha é muito efetiva por juntar todos esses elementos em uma composição bem tecida, tanto plástica quanto sonora. É parte do processo de análise compreender o objeto melhor ao passo que a apreciamos. A interpretação pode ser justificada pelo conceito de Aumont e Michael (2013) sobre análise, baseada numa racionalização da informação visual isenta do conhecimento sobre as condições de produção artística do autor do longa. Dá-se importância para as escolhas estéticas do diretor e a relação da composição com os objetos. Também se considera o limiar entre os personagens e a construção da

³⁰ Quando a câmera acompanha o deslocamento de um personagem.

³¹ Enquadramento do objeto feito de baixo para cima.

³² De acordo com Wittmann (2019, p. 3) “é um termo êmico que diz respeito a um atributo vinculado ao quanto cada pessoa consegue ser percebida pelos demais de acordo com a identidade de gênero com a qual se identifica”.

história, visto que por serem atores reais carregam mais subjetividade (AUMONT; MICHAEL, 2013).

Figura 8 - Flávio Ruivo anda pelas ruas da Cidade de Deus



Fonte: Captura de tela, *Favela Gay* (2014)

Figura 9 - Em plano médio, ele conta sua história



Fonte: Captura de tela, *Favela Gay* (2014)

O tempo de tela de Ruivo contém um texto fílmico que também sugere uma herança – do ponto de vista antropológico – deixada pelo movimento *Stonewall*. Sem dúvida, as vivências dentro do movimento LGBTQIA+ de Flávio e dos ativistas americanos estão inseridas em contextos diferentes, mas ainda assim há uma prática que se perpetua, na qual as gerações mais velhas da comunidade sentem a responsabilidade de assumir um papel de “mentoria” na vida das novas gerações. Isso é evidenciado na fala do personagem, que em seu recorte de espaço orienta os jovens do morro a permanecerem seguros e longe das atividades de tráfico. Há um interesse

mútuo nas dinâmicas de sociabilidade das duas gerações, nas palavras do personagem:

Eles procuram saber as histórias do passado, dou algumas dicas: não faz assim, vai devagar, converso sempre sobre drogas com eles, falo que usei de tudo, tenho amigos meus que saíram dessa por um fio, tenho amigos que estão afundados até hoje...tem a família que quando descobre que é gay já começa a abandonar, aí eles saem da escola (...)³³.

Há um movimento de tela tático quando essa parte da fala vai chegando ao fim. A câmera focaliza em um casal de senhores que observa a rua a alguns metros de Flávio. A imagem fica estática por poucos segundos e volta para o rosto do ator em um movimento *tilt*³⁴.

Há também a descrição de uma vivência em que é possível entender como ele enxerga a própria relação com outras letras da sigla. Mais especificamente, ele narra a história de um conflito entre um grupo de mulheres trans trabalhadoras do sexo ocupando o espaço de traficantes da região. Elas estavam sendo ameaçadas de morte e Flávio serviu de ponte entre os dois grupos para tentar apaziguar a situação, mas resultou num embate físico com as mulheres. Mais uma vez as noções de espaço, como já mencionadas, ficam evidentes, pois mesmo que não haja tantas referências visuais dessas experiências, o discurso de Flávio se torna bem ilustrativo para o espectador. O ator ainda traz outro elemento característico da identidade coletiva *queer*: os estereótipos empregados por mulheres cis hétero.

Essa conjuntura é reproduzida nas mídias de forma recorrente, o clichê da figura de melhor amigo gay. Antes de entrar na pauta do carnaval, que em síntese é o maior espaço de sociabilidade nas comunidades periféricas, Flávio acrescenta uma descrição de como as esposas dos traficantes o percebem, de forma que ele se sente num lugar de “fetichização”, considerando sua companhia como “o gay animado” e responsável pelas festas da comunidade. Alberto (2017, p. 9) analisa esse padrão de comportamento como uma “forma de simplificar as múltiplas convergências identitárias, através de dualismos, e assim, acaba por despotencializar e marginalizar um discurso não normativo; faz da estereotipia um instrumento da regulação comportamental”. Ou seja, quando se escuta um relato sobre estereotipificação, pode-

³³ Transcrição da fala de Flávio Ruivo. FAVELA GAY. Direção: Rodrigo Felha. 1h11 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4gijXLvhOXo&ab_channel=PortalOnixDance. Acesso em: 16 nov. 2020.

³⁴ Movimento em que a câmera se desloca de cima para baixo.

se aferir que esse tipo de violência considerada estrutural, consequência direta de uma ideologia opressora que visa regular a diversidade e dá seus sinais nas falácias mais cotidianas.

A partir dos 15:10 minutos de longa, entramos em um momento de transição. Flávio finaliza explicando o Gaymado, um evento que reúne a comunidade LGBTQIA+ da Favela e que é tradição do lugar. Essa experiência consiste numa queimada amistosa entre os moradores das periferias, a qual possui um engajamento culturalmente tão simbólico que já contou com o incentivo dos grupos de tráfico para que o evento acontecesse de modo pontual, geralmente precede uma festa noturna que também reúne todos os participantes. Diante disso, o evento é um ponto comum entre os indivíduos aqui retratados, e é partindo daí que Felha nos apresenta mais uma personagem. Os cortes que mostram a partida são bem vibrantes, dando destaque para os coletes neon que separam os times. Um ritmo de funk começa a compor a trilha com a narração do personagem em *off*, tornando-se uma costura harmoniosa quando misturadas aos demais estímulos visuais. Quando exibem a plateia do jogo, começa a focar em um novo rosto, que sinaliza a entrada de mais uma personagem na narrativa. A abordagem de Rafaella, do Rio das Pedras, e a sigla T representada no documentário é tema do próximo subcapítulo de análise.

4.5 TRANSGENERIDADE³⁵ NA PERIFERIA

Favela Gay dá enfoque a vivência de quatro mulheres trans no decorrer do filme. Marta Júlia, que mora na Rocinha e foi referida alguns subcapítulos atrás, Rafaella, Gilmara e Pandora. Pessoas transsexuais e não-binárias estão mais vulneráveis à violência, inclusive dentro do meio LGBTQIA+. É comum nos depararmos com uma falsa aceitação que só é válida para a figura de homens gays, brancos e cisgêneros. Por isso, podemos aferir que a letra mais invisibilizada, quando a pauta trans está em debate, conforme é comum que este seja carregado de preconceitos e reforçando uma imagem caricata da identidade de gênero. A violência simbólica é um traço identitário compartilhada por esse segmento, isso é reiterado pela baixa expectativa de vida de pessoas trans e as situações de constante ameaça à vida, seja por homicídio ou suicídio devido as condições mentais que a transfobia impõe. Há muitos mecanismos sociais que necessitam ser reconfigurados e um dos

³⁵ Conforme Silva et al. (2014), o termo refere-se a vivências de pessoas transgênero.

mais fundamentais é o modo como as pessoas transsexuais são retratadas nas telas (FONSECA, 2019). Felha demonstra empenho em explorar a perspectiva dessas mulheres da maneira mais autêntica possível, é notório na tela como essas personagens encontraram um lugar de pertencimento. A linguagem do longa em si já é uma crítica social, Nichols (2003, p. 73) reforça que, justamente, esse é um dos objetivos da narrativa documental, causar esse estranhamento da realidade:

(...) os documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social. O fato de os documentários não serem uma reprodução da realidade dá a eles uma voz própria.

O cenário que abriga essa etapa é a Favela Rio das Pedras, onde vive Rafaella. Ela é apresentada na partida de Gaymado, na sequência andamos com a personagem nos trajetos que ela percorre cotidianamente. Ela começa narrando suas primeiras experiências ao tomar consciência da própria identidade de gênero. Nos carnavais, ela tinha a oportunidade de se fantasiar do “sexo oposto”, e conforme o fazia via que se sentia cada vez mais confortável com a “passibilidade” de mulher. Conforme vemos mais adiante, Rafaella ocupa um recorte que de certo modo é singular dentro da comunidade trans. Contrariando as estatísticas, ela não recorreu a prostituição para sobreviver e também permaneceu morando com os pais. Logicamente não significa que a personagem tenha uma trajetória mais pacífica. Ela recorda que as memórias de infância remetem a sua vivência no carnaval, ocasião em que procurava se expressar através de adereços considerados femininos. O discurso traz alguns entraves com a família, que já observava o comportamento “desviante” dela. Rafa traz um depoimento otimista de certa forma, acrescenta que só saiu do armário aos 18 anos e que a primeira vez que decidiu vestir-se conforme achava adequado recebeu uma reação condescendente do pai, mas em contraponto a mãe foi a mais intolerante, fazendo-a frequentar a igreja para ser “curada”.

A jovem acrescenta que não persistiu na vida religiosa, mas ainda assim a família a respeita. Esse depoimento é exposto por meio de alguns cortes rápidos que intercalam entre um plano médio e close no rosto da personagem, evocando a personalidade que o texto vai assumindo ao longo do relato. Quando se menciona que a sociabilidade da atriz no meio LGBTQIA+ se deu nas festas noturnas, alguns flashes do Energy Pub, que nos é mostrado na cena de introdução, e voltamos ao raciocínio

proposto no início, a vida noturna é sinônimo de algumas horas fora do anonimato para a comunidade. Ademais, a junção dessas indicações visuais encena a vida afetiva para a diversidade. Ela recorda que era nas noites que se sentia à vontade para namorar, e que quando finalmente encontrou alguém que retribuía o sentimento teve de enfrentar algumas situações de transfobia no lugar onde mora.

Rafaella faz referência ao espaço de aceitação dentro da universidade, na sequência é posta em um novo cenário, que mostra a periferia em segundo plano e sincronizada a um *travelling* da jovem passando pela rua. É nesse momento que entendemos que ela está indo pra casa, a família ganha voz e o espectador retorna a reflexão da aceitação no âmbito familiar. Aos 24:50 minutos conhecemos a mãe da jovem. Ela é apresentada em um *close-up*³⁶, com a filha abraçada em segundo plano. A manifestação da matriarca da família reforça os conflitos com a identidade de gênero justificados pela religiosidade. Evangélica, a mãe estabelece limites na relação com a filha, numa dinâmica que é comumente conhecida como “não aceito, mas respeito”.

Com efeito, o texto da personagem também traz as pequenas violências cotidianas, como a mãe tratando a filha por pronomes masculinos, dizendo que se recusa a abraçar totalmente a identidade de gênero dela, contudo ainda há um esforço para manter uma relação estável dentro de casa. Alguns cortes para um plano mais aberto mostram o pai calado ouvindo a narração com um olhar pensativo, até que os três personagens são enquadrados por uma composição que transpõe a natureza ambivalente da aceitação familiar. Em primeiro plano há duas colunas desfocadas, como se o objeto estivesse sendo explorado de forma furtiva, como se ilustrasse uma intimidade que não é tão espontânea. Aqui nos deparamos com outro paradoxo já referido: a vivência de Rafaella é singular e coletiva ao mesmo tempo. A singularidade dá conta da experiência da personagem enquanto uma mulher trans que não precisou cogitar o trabalho sexual para a sobrevivência e conta com o apoio dos pais, mas ainda precisa ser tolerante com alguns tabus reproduzidos pela família. O case de Rafaella demonstra as nuances que fazem parte do processo de desmistificar a própria identidade. Pode-se citar Bento (2006, p. 199) que traduz esse fenômeno como um exercício para:

refletir sobre os jogos de negação e de afirmação, de repulsa pelo “outro”, pelos que habitam as margens, e de atração por modelos idealizados. Ao

³⁶ Enquadramento de um detalhe do objeto.

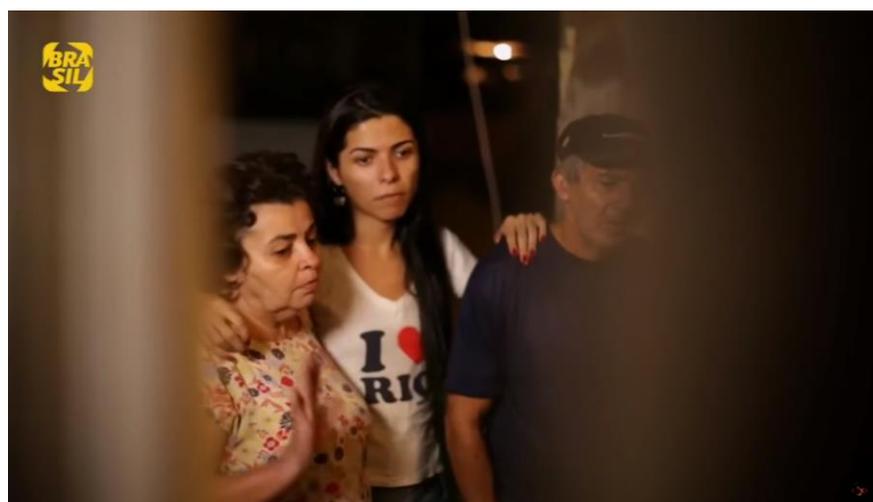
mesmo tempo que se identificar envolve um trabalho discursivo de fechamento e de demarcação de fronteiras simbólicas, simultaneamente significa o reconhecimento de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ainda que idealmente.

Figura 10 - Rafaella memora as primeiras lembranças como mulher trans



Fonte: Captura de tela, *Favela Gay* (2014)

Figura 11 - Família em foco no segundo plano



Fonte: Captura de tela, *Favela Gay* (2014)

Esse processo também é narrado pela experiência de Gilmará Cunha, que vive no Complexo da Maré. Mesmo que a personagem não tenha tanto tempo de tela, traz um discurso pertinente na narrativa. Aos 26:41 conhecemos seu rosto, parte da composição dessa cena é um plano médio (que também é empregado em outras entrevistas), o que nos leva a tensionar os elementos do discurso da personagem. A personagem traz um relato de abuso sexual e sobre a toxicidade do ambiente familiar.

Cita também a importância da experiência de ser trans que implica na transformação do espaço e a realização de uma autodescoberta. Mencionamos, no subcapítulo 3.1, a importância das ONGs na transformação dos espaços periféricos e a personagem trabalha justamente este ponto de vista.

Gilmara explica que é presidente do Grupo Conexão G, que trabalha na luta por direitos humanos voltados à pauta LGBTQIA+ do Complexo da Maré e outros espaços populares do Rio. Intercalando-se com a narração, alguns cortes mostram ela caminhando pelas ruas da favela. Em *off*, conta que percebe a mudança na mentalidade do Complexo da Maré e que a população é mais madura para debater os direitos LGBTQIA+. Com esse gancho deixado pela personagem, vemos imagens em plano aberto de uma Parada Gay acontecendo no lugar, conectando novamente duas partes importantes da identidade compartilhada.

Figura 12 - Parada LGBTQIA+ no Complexo da Maré



Fonte: Captura de tela, *Favela Gay* (2014)

Figura 13 - Primeira Marcha do Orgulho Gay nos Anos 70



Fonte: Diana Davies / New York Public Library

A quarta vivência de transgeneridade é apresentada no ato final do filme, damos um salto para os 57:29 para conhecer Pandora, uma mulher trans e negra que vive no Complexo do Alemão. A personagem aparece de relance em imagens entre cortadas no depoimento anterior ao dela. Quando sua narração começa de fato, a tela mostra a jovem sentada em uma mesa de bar com a amiga trans, ambas de frente para a câmera olhando para o interlocutor que conduz a entrevista (cuja voz nunca é ouvida). A história dela começa depois de ter se assumido, quando o pai já havia falecido. Ela relembra que na infância ia bem na escola e teve acesso a educação particular, e que a relação familiar era boa, mas depois de assumir a identidade de gênero precisou trabalhar com prostituição, conforme o depoimento tinha apenas 11 anos. Essa é outra faceta da vivência trans no século XXI, o longa é eficiente ao mostrar a pluralidade das experiências nesse recorte. Vemos alguns *close-ups* no rosto da personagem que chama atenção pela sombra e alças da blusa em tons de azul. A experiência trans para ela está fortemente relacionada a dificuldade do trabalho nas ruas. Isso certamente caracteriza uma vivência coletiva para as travestis e transsexuais. Pandora também é retratada na pista, parada em uma avenida com outra colega. A narrativa da amiga de personagem começa a tomar conta do som. Ela expõe as dificuldades que enfrenta para sobreviver desse trabalho, pois não consegue nada em outra área e acrescenta que o dinheiro é muito necessário. Na sequência,

Pandora aparece embarcando no carro de um cliente. Pelúcio (2002, p. 232) advoga que estar na pista para uma trans ou travesti, é um momento de fragmentação:

É comum o processo de transformação das travestis se iniciar com a ruptura do mundo da casa, seguido pelo necessário apego ao universo da rua, onde encontram formas de sobrevivência e aprendem, ou potencializam, seu processo de transformação. Em busca de si mesmas, de sua “autenticidade”, vão inscrevendo seus sonhos em seus corpos.

Há uma transição gráfica, então estamos acompanhando um homem. Não há um indicativo muito preciso de quanto tempo se passou, mas Pandora agora está diferente, assumiu um estilo masculinizado e raspou os cabelos. Quando enquadrada no plano médio de entrevista, há bastante azul entorno da personagem, mas agora não é da sombra nem da blusa chamativa, Pandora está sob um céu azul, no que parece uma alusão a redenção que aparece no texto fílmico dela. Vestindo uma regata branca com a favela desfocada em segundo plano, ela narra que continua no ramo da prostituição, mas quando algum cliente liga ela informa que mudou e não “se veste mais de mulher”. Ela também conta que não se reconhecia mais quando olhava no espelho e compartilha a frustração pelo custo de vida da “Pandora”, tratando como outra pessoa.

Figura 14 - Plano fechado em Pandora



Fonte: Captura de tela, *Favela Gay* (2014)

Figura 15 - Pandora não se identifica mais como travesti



Fonte: Captura de tela, *Favela Gay* (2014)

Além disso, menciona que a igreja teve um papel importante na sua decisão, ela se despediu da identidade de Pandora numa espécie de ritual, encaixotando os adereços e colocando-os no mar e fazendo dela literalmente uma caixa de Pandora. A descrição desse rito finaliza a etapa de depoimentos, e a tela se dissolve para a sequência de encerramento do documentário. A leitura simbólica das transgeneridades de *Favela Gay* é muito pertinente nesse sentido. As decisões artísticas que fizeram o filme permitem ao espectador uma imersão completa no recorte de pessoas trans e travestis que sofrem diariamente com a marginalização e exclusão social. Nas quatro personalidades apresentadas por Felha, é possível enxergar com clareza as vivências que definem as identidades, sejam as compartilhadas entre cada letra da sigla ou do movimento LGBTQIA+ como um todo, o filme se compromete com a credibilidade das narrativas contadas e a urgência de não apresentar pessoas estereotipadas na tela.

4.6 A PRIMEIRA LETRA E O FIM DE UM CICLO

Em aproximadamente 8 minutos de tela conhecemos Dejah Idalice e Jeckie Brown, um casal de mulheres negras que moram no Vidigal e trabalham como coreógrafa e dançarina, respectivamente. Quem começa narrando é Jeckie, que lembra o início do relacionamento das duas e como a namorada a esnobava. A

musicista aparenta uma personalidade animada e carinhosa. Enquanto ela prossegue falando dos entraves com a família na aceitação da sexualidade das duas, a câmera se alterna em *close-ups* no rosto das personagens. A profundidade de campo depende de quem está falando, uma característica típica da identidade de montagem do longa.

Também vemos alguns takes do casal caminhando abraçado pelo Vidigal e parando em um pico onde se tem a vista do Rio. Dejah assume o texto e relata que não hesitou quando decidiu assumir o relacionamento, emite sinais que descrevem uma personalidade centrada e prática. Somente a irmã e a vó que a rejeitaram, diz que lamenta não poder conviver tanto com o sobrinho. O ponto de vista de duas mulheres negras e lésbicas é desenvolvido de maneira coesiva, não subvertendo a pauta somente para o fato de serem lésbicas necessariamente. Dejah Idalice e Jeckie Brown ilustram um processo de construção identitária tanto como sujeitos separados quanto como um casal. A vivência das duas evoca discussões interseccionalizadas, visto que há dois aspectos principais para considerar: a negritude e a sexualidade.

Lima (2018 p. 78) tem uma descrição precisa para esses aspectos sendo que “aquelas que compõem os grupos marcados por atravessamentos que os tornam mais expostos às vulnerabilidades: pobres, moradoras de favelas, comunidades e periferias das grandes e pequenas cidades e campos”. O documentário ostenta a pluralidade de personagens, alguns tem suas histórias sintetizadas sem qualquer perda da relevância do arco. Nesse contexto, é interessante pontuar que as duas personagens não se limitam a falar de sexualidade e pertencimento como nos outros dez relatos explorados nesse trabalho de pesquisa. A conversa é bastante centrada na dinâmica da relação amorosa das duas.

Passando dos 47 minutos de filme, também somos contemplados com um vislumbre do trabalho das duas, Jeckie é posta num cenário externo onde canta a letra de uma de suas composições de rap, há dançarinas no segundo plano coreografando o som da cantora. Dejah acompanha dançando do lado oposto do palco enquanto um *tracking* intercala as duas figuras num plano médio. Por conseguinte, aborda-se indiretamente a importância da arte na manutenção dos espaços da favela, visto que além das jovens outros três personagens fazem referência ao trabalho artístico das periferias, seja como um caminho alternativo a atividades ilegais ou como um trabalho rentável. Os arranjos audiovisuais que constituem o tempo de tela das duas sugere também um olhar sobre o impacto de uma relação afetiva na vida de um LGBTQIA+. Se por um lado, as primeiras gerações passaram (algumas ainda passam) a vida

dentro do armário, Jeckie e Dejah estampam o empoderamento das gerações contemporâneas que não admitem uma estrutura de opressão. Esse fato também é reproduzido através do discurso, no qual ambas entram em consenso sobre a necessidade de as vivências lésbicas serem encaradas com naturalidade.

Figura 16 - Jeckie e Dejah



Fonte: Captura de tela, *Favela Gay* (2014)

No decorrer do documentário, outros personagens também tiveram suas narrativas contadas através da intervenção criativa de Rodrigo Felha. Nessa análise não focamos em explorar o tempo de tela de todos os personagens, uma vez que cada ator social foi categorizado representando uma das letras da sigla, havia dois cujas nuances de identidade coletiva também se apresentavam nas cenas do personagem Flávio Ruivo, do início da análise. Trata-se do lugar de fala de homens gays e cis gêneros do movimento. No Andaraí, a vivência acompanhada foi do coreógrafo Carlinhos do Salgueiro, e ainda no Complexo do Alemão, antes de Pandora, conhecemos Guinha, que é Presidente do Grupo Diversidade LGBT do Alemão.

O ativista Jean Wyllys faz uma aparição na metade do documentário, todavia não se apresenta como um morador da favela, apenas contribui com uma breve perspectiva de trajetória pessoal e a importância da aceitação e identificação dentro do meio LGBTQIA+ para quem está se descobrindo. Ele profere uma fala importante, que ecoa em forma de reflexão nas cenas em que os personagens narram a dificuldade de entender a própria identidade. “Não existe ex-homossexual, não existe

ex-gay, existe recalçamento do desejo, existe negação de si mesmo, existe vida com sofrimento”.³⁷

Aos 67 minutos de filme voltamos para o princípio. Alguns cortes mostrando Rafaella, com os pais no Rio das Pedras e estamos no bar onde Suellen Ribeiro se montava. Em um *close-up* vemos ela finalizar sua produção aplicando os cílios postiços, enquanto o *cover* de Cindy Lauper volta a trilha do documentário, e assim vemos imagens do público do Energy Pub. Até vemos alguns rostos conhecidos como o de Rafaella e de Flávio Ruivo, assistindo uma Suellen com cabelo “Chanel” e vestido dourado subindo ao palco para performar. Não há mais nenhum depoimento, só o som e personagens dançando na noite em plano aberto, o longa encerra o ciclo do mesmo lugar onde começou. *Favela Gay* não só dá conta de mostrar como as identidades coletivas se apresentam através das experiências dos personagens como também é genuíno ao retratar o cotidiano da favela, bem distante de estereótipos frequentemente reproduzidos. Como já apontado, é substancial que se dê voz as histórias *queer* das periferias. Felha desempenha um papel social importante nesse sentido, mostrando as histórias de Maxwell, Martinha, Flávio Ruivo, Rafaella, Gilmar, Carlinhos, Jeckie, Dejah, Guinha e Pandora. O gênero documental desta obra evidencia elementos que servem como agentes de transformações sociais, explorando o axioma da rotina dos personagens, de modo que somos apresentados a narrativas humanizadas de uma comunidade posta às margens pela identidade de gênero, cor da pele, sexualidade e lugar que ocupa.

³⁷ Transcrição do texto de Jean Wyllys. FAVELA GAY. Direção: Rodrigo Felha. 1h11 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4gjjXLvhOXo&ab_channel=PortalOnixDance. Acesso em: 16 nov. 2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorremos a história dos *Stonewall Riots* para compreender que uma mudança nesse cenário nem sempre depende de uma manifestação pacífica e que a pluralidade humana é imensurável a ponto de romper as barreiras geográficas que separam os LGBTQIA+. Há uma urgência em revisitar o passado para identificar como se dá a instauração de uma opressão sistêmica, principalmente em tempos nos quais vemos modelos democráticos sendo ameaçados. Em outras palavras, é necessário ter em mente que os avanços conquistados pelos movimentos de luta coexistem com uma realidade de violência no passado e no presente. Há um clichê eficiente que fala sobre olharmos para a história para compreender o agora e o progresso. Ainda que seja um clichê, é possível aplicá-lo a essa jornada.

De início, propomos compreender a caracterização da identidade *queer* e identificar esses elementos nos personagens do documentário *Favela Gay*. Para tal, voltamos as incursões policiais novaiorquinas em 1969, que entraram para a história e inspiraram avanços para a comunidade LGBTQIA+ brasileira, a qual ficou face a face com a ditadura militar. Traçamos a partir desse contexto histórico uma identidade coletiva que abrange também a singularidade de cada recorte da sigla. Sedgwick (2007) auxilia na compreensão do conceito de armário nas vivências LGBTQIA+, a violência é uma herança cultural que gera a reprodução infundável de estruturas sociais excludentes para essa parcela da população. Assimilamos que anos sucessivos de uma vida anônima reuniu grupos de ativismo em prol de um bem comum, tratando-se simplesmente de um princípio básico de vida digna. Lançamos um olhar atento sobre o quanto os espaços moldam a nossa própria identidade, observando a condição humana dos moradores de 7 favelas do Rio de Janeiro. Os 70 minutos de narrativa documental também asseguram a projeção de um estranhamento do próprio gênero e sexualidade como um ato de ruptura, para que a diversidade viva num cenário de equidade.

Em síntese, também colaboramos com a reconfiguração dos territórios com a simples leitura dessa análise. Quando pautas como essa são desenvolvidas para o formato documental nas telas, é possível delinear linhas de mudança e recuperar as memórias dessas vivências sob opressão (NICHOLS, 2005). Deste modo, também nos comprometemos com o reconhecimento do valor do fazer jornalístico na promoção desse catalizador de transformações. A análise demonstrou que a

construção da mensagem deve ser tática e completa. *Favela Gay*, por exemplo, não encerra sua pertinência no valor da pauta. A hierarquia das informações, as composições do universo diegético em cada frame, a sonoplastia são os pilares de uma história bem contada, as quais oportunizaram um exercício de “olhar para o outro” na companhia de personagens plurais. De fato, quando falamos em resultados, podemos avaliar como legítimo o estabelecimento de características que moldam a identidade compartilhada da comunidade LGBTQIA+. Mais que isso, a análise fílmica possibilitou que, conforme objetivado proposto, mirássemos em algumas questões que tornam esse processo claro na narrativa documental dos sete personagens abordados.

Do batismo no valão de Martinha às capas do Lampião da Esquina, tudo é parte do poder simbólico que denota a identidade *queer*. Através do longa foi possível uma percepção mais clara dos obstáculos que permanecem subdividindo comunidades e tornando o acesso ao poder de compra um bem seletivo. Werner (2011) sugeriu que encarássemos a busca e expressão dessa identidade não só como ascensão pessoal, mas também como uma estratégia e conseqüentemente um posicionamento político. Fala-se em “estar em todos os lugares” quando questionamos as demandas da agenda *queer*. A propósito de representar essas identidades nos veículos de comunicação, é sobre isso que se trata: a visibilidade, o encontro de si dentro de uma moldura e a sensação de pertencimento que são instrumentais para entender-se como alguém diante do mundo.

Por fim, é válido ressaltar que mesmo estando seis anos a frente do lançamento de *Favela Gay*, ainda reparamos como essas asserções sobre o universo *queer* permanecem sendo recicladas, reiteradas e trazidas à tona em qualquer brecha, seja na televisão aberta, na publicidade ou no cinema. A personagem Jackie Brown, retratada no último subcapítulo dessa análise, comenta sobre a necessidade de naturalizar a forma como a diversidade sexual e de gênero são percebidas, e é por isso que para quem vê do outro lado, possa soar redundante. Outrossim não há melhor jeito de descrever essa pequena contribuição para a comunidade científica: mais uma tentativa de ocupar um lugar que, seguramente, também será de muitas Pandoras, Martinhas e Maxweis pelo mundo afora.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, S. A. **Fazer-se no “Estado”**: uma etnografia sobre o processo de constituição dos “LGBT” como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

AUMONT, J.; MARIE, M. **A análise do filme**. Lisboa: Texto e Grafia, 2013.

BAUSUM, A. **Stonewall: Breaking Out in the Fight for Gay Rights**. New York: Penguin Group, 2015.

BEAUVOIR, S. **A força das coisas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CARTER, D. **Stonewall: the riots that sparked the gay revolution**. New York: St. Martin's Press, 2014.

COLLING, L. **Que os outros sejam o normal**: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador: EDUFBA, 2015.

ESKRIDGE, W. N. **Gaylaw: Challenging the Apartheid of the Closet**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

FACHINI, R. **Sopa de letrinhas**: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FAVELA GAY. Direção: Rodrigo Felha. 1h11 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4gjjXLvhOXo&ab_channel=PortalOnixDance. Acesso em: 16 nov. 2020.

GIMENEZ, M. Q. Movimento LGBT, memória de um espaço – tempo – humano. **Temporalidades: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 346-367.

GREEN, J. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

HABERT, N. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2003.

KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

LOURO, G. L. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer. **Estudos feministas**, v. 9, ago./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso em: 17 out. 2020.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MOREIRA, M. G.; HALLAL, D. R. As Viagens e as Experiências de Fronteira na Transgressão do Armário Gay. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, v. 9, n. 1, p. 133-155, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/4694/pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

NICHOLS, B. Introdução ao documentário. Campinas: Papirus, 2005.
PELUCIO, L. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 217-248, 2005.

PEREIRA, C. F. Movimento LGBT e Partidos Políticos: Construindo uma agenda de pesquisa. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 2, 2020. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>. Acesso em: 12 out. 2020.

PEREIRA, P. P. G. Queer nos trópicos. *Revista Contemporânea*, v. 2, n. 2, p. 371-394, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/download/88/53>. Acesso em: 16 out. 2020.

PERLMAN, J. **Favela: Four Decades of Living on the Edge of Rio de Janeiro**. New York, NY: Oxford University Press, 2010.

RODRIGUES, N. M. Remoções no Morro da Providência: o modelo hegemônico de modernização e a produção de um novo espaço. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS, 16., 2014. **Anais...** Rio de Janeiro: 2014.

SALIN, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

SILVA, A. C. F. et al. Transgeneridade: uma análise da representação da identidade do eu e do estigma nas produções audiovisuais recentes. **Revista Ártemis**, v. 24, n. 1, p. 132-142, jan. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2017v24n1.35410>. Acesso em: 18 out. 2020.

TOITIO, R. D. Um marxismo transviado. **Cadernos Cemarx**, Campinas, n. 10, 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10921>. Acesso em: 06 set. 2020.

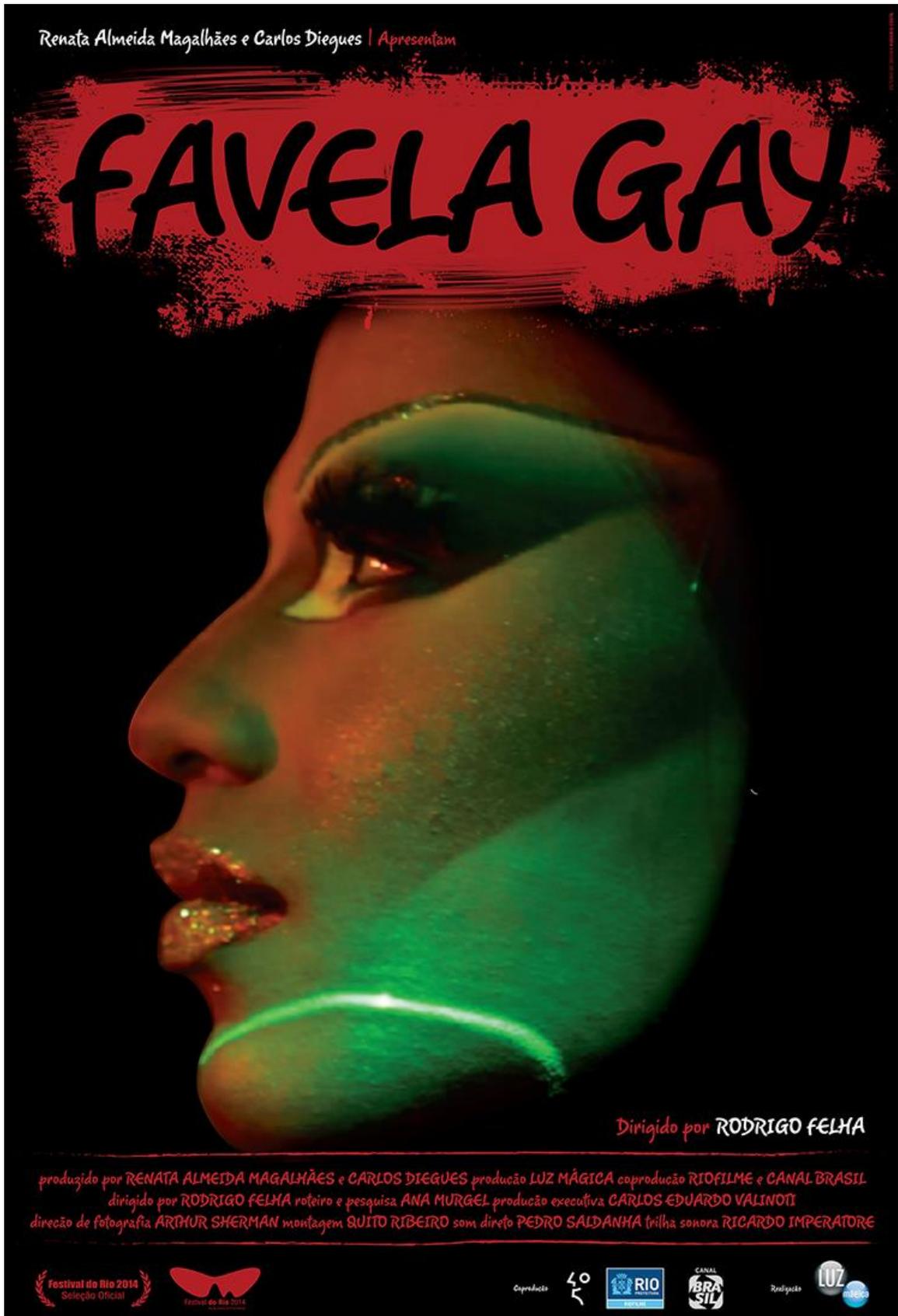
TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2004.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÈTÈ, A. **Ensaio sobre a Análise Fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994.

WISNIEWSKI, R. R. Gênero e diver-cidade: educação e invisibilidade LGBTQ nos espaços urbanos. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 15, n. 1, p. 76-93, abr. 2020.

YOUTUBE. **Documentário Favela Gay completo**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4gjjXLvhOXo&ab_channel=PortalOnixDance. Acesso em: 15 nov. 2020.

ANEXO A - PÔSTER DO FILME



APÊNDICE A - FICHA TÉCNICA

Gênero	Documentário
Lançamento	3 de outubro de 2014
Duração	1h12min
Direção	Rodrigo Felha
Roteiro e Pesquisa	Ana Murgel
Trilha Sonora	Ricardo Imperatore
Produção	Renata Almeida Magalhães, Cacá Diegues
Elenco	Maxwell, Martinha, Flávio Ruivo, Rafaella, Jean Wyllys, Gilmara, Carlinhos, Jeckie, Dejah, Guinha, Michelli e Pandora.